DADOS
INTELIGÊNCIA ESTRATÉGICA

RELATÓRIO · OUTUBRO DE 2026

A virada de Lula no 2º turno de 2026

De onde vieram os votos que transformaram uma desvantagem de 2,2 milhões em uma vitória por 4,4 milhões, o que a série histórica e a literatura de ciência política explicam e o que os boletins de urna mostram sobre a integridade do resultado.

Preparado pela Dados Inteligência Estratégica a partir de dados públicos: a totalização e os boletins de urna do Tribunal Superior Eleitoral, os resultados de 2018 e 2022 nos mesmos municípios, as pesquisas e os modelos de projeção da noite da apuração, a literatura de ciência política e a cobertura da imprensa entre 4 e 26 de outubro de 2026.

CONTEÚDO

1. Síntese 2
2. De onde vieram os votos 3
3. Onde a virada aconteceu 5
4. Série histórica: 2018, 2022 e 2026 7
5. O que a literatura explica 9
6. O que dizem os analistas 11
7. Leitura estratégica 13
8. A integridade do resultado 14
9. Método, fontes e limites 23

Como ler. Percentuais de candidato sobre os votos válidos, salvo quando indicado. Na comparação entre os turnos, a fatia de Lula é medida entre os votos dados a Lula ou a Flávio. As transferências entre os turnos são estimativas; as somas de boletins, de votos e de abstenção são contagens. Lula aparece em vermelho, Flávio em azul e as medições da Dados em roxo, como no painel de apuração.

Cada folha traz no pé a fonte dos números que apresenta; as referências completas estão na última seção.

Síntese

O presente relatório tem como objetivo principal compreender a virada de Lula no 2º turno da eleição presidencial de 2026, um movimento sem precedente desde a redemocratização, tendo em vista que, pela primeira vez desde 1989, o segundo colocado do 1º turno venceu a disputa. É natural que parte do eleitorado e de quem acompanha a política de perto desconfie de um resultado como esse, e por isso pretendemos responder a uma pergunta central: de onde vieram os votos responsáveis por transformar uma desvantagem de 2,22 milhões em uma vitória por 4,43 milhões em apenas três semanas?

Para respondermos a essa pergunta, nos debruçamos sobre (i) os boletins de urna do 2º turno, seção por seção; (ii) os resultados oficiais de 2018 e 2022 nos mesmos municípios; (iii) as pesquisas e os modelos de projeção da noite da apuração; e, por fim, (iv) a literatura de ciência política acerca do comportamento do eleitor brasileiro, bem como a leitura dos principais analistas antes e depois da votação. A tabela abaixo traz os números de partida de toda a análise, a partir da totalização oficial do TSE.

	1º TURNO (4/10)	2º TURNO (25/10)	VARIAÇÃO
Lula	53.879.538 (45,16%)	64.256.232 (51,79%)	+10.376.694
Flávio Bolsonaro	56.104.503 (47,03%)	59.826.041 (48,21%)	+3.721.538
Outros candidatos	9.316.747	não concorrem	
Brancos e nulos	5.975.047	4.153.801	−1.821.246
Comparecimento	125.275.835	128.236.074	+2.960.239
Abstenção	21,08%	19,22%	−1,86 ponto

Percentuais de candidato sobre os votos válidos. Eleitorado de 158.745.502 pessoas nos dois turnos.

O que os dados mostram

A primeira constatação a que chegamos é uma conta que não depende de nenhuma estimativa: havia 14,1 milhões de votos em disputa entre os turnos, e Lula ficou com 74% deles. Esse total é a soma de 9,32 milhões de votos dados aos candidatos eliminados, de 1,82 milhão de eleitores que votaram em branco ou anularam no 1º turno e escolheram alguém no 2º, bem como de 2,96 milhões de eleitores a mais nas urnas, e percebemos, a partir dessa conta, que mesmo com todo o voto dos eliminados Lula chegaria a 63,2 milhões, abaixo do que teve: a virada dependeu de uma parcela do eleitorado sem candidato no 1º turno.

Em segundo lugar, constatamos uma divisão quase meio a meio entre os eleitores dos candidatos eliminados, com cerca de 3,4 milhões de votos para Lula e 3,5 milhões para Flávio, de acordo com uma estimativa feita seção por seção. A diferença a favor de Lula veio, sobretudo, de quem se absteve ou anulou o voto no 1º turno e passou a votar nele no 2º, um movimento já registrado pelas pesquisas na reta final da campanha e detalhado na segunda seção deste relatório.

Lula cresceu nos 27 estados e em quase todos os municípios do país, e a sua fatia na disputa entre os dois subiu em 97% deles. Esse avanço foi maior, em pontos percentuais, fora do Nordeste, uma região já perto do teto (3,7 pontos no Sudeste, 3,4 no Centro-Oeste, 3,2 no Sul e 2,0 no Nordeste), o que fez Minas Gerais virar e reduziu a vantagem de Flávio em São Paulo de 3,4 para 2,0 milhões de votos.

Além disso, entendemos que o tamanho da virada tem precedentes, como mostram as duas eleições anteriores: Haddad ganhou 15,7 milhões de votos entre os turnos de 2018, e Bolsonaro, 7,1 milhões em 2022. A uniformidade do movimento também se repete, considerando que a variação do voto de município para município em 2026 (desvio de 1,25 ponto) é praticamente a mesma de 2022 (1,20) e que o mapa de Lula no 2º turno de 2026 repete o de 2022 cidade por cidade, em uma correlação de 0,989, de modo que a grande novidade que encontramos é a queda da abstenção, a maior já registrada entre dois turnos presidenciais.

Fonte: totalização do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) do 1º turno (4/10/2026) e do 2º turno (25/10/2026); boletins de urna publicados pelo TSE, lidos pelo coletor da Dados.

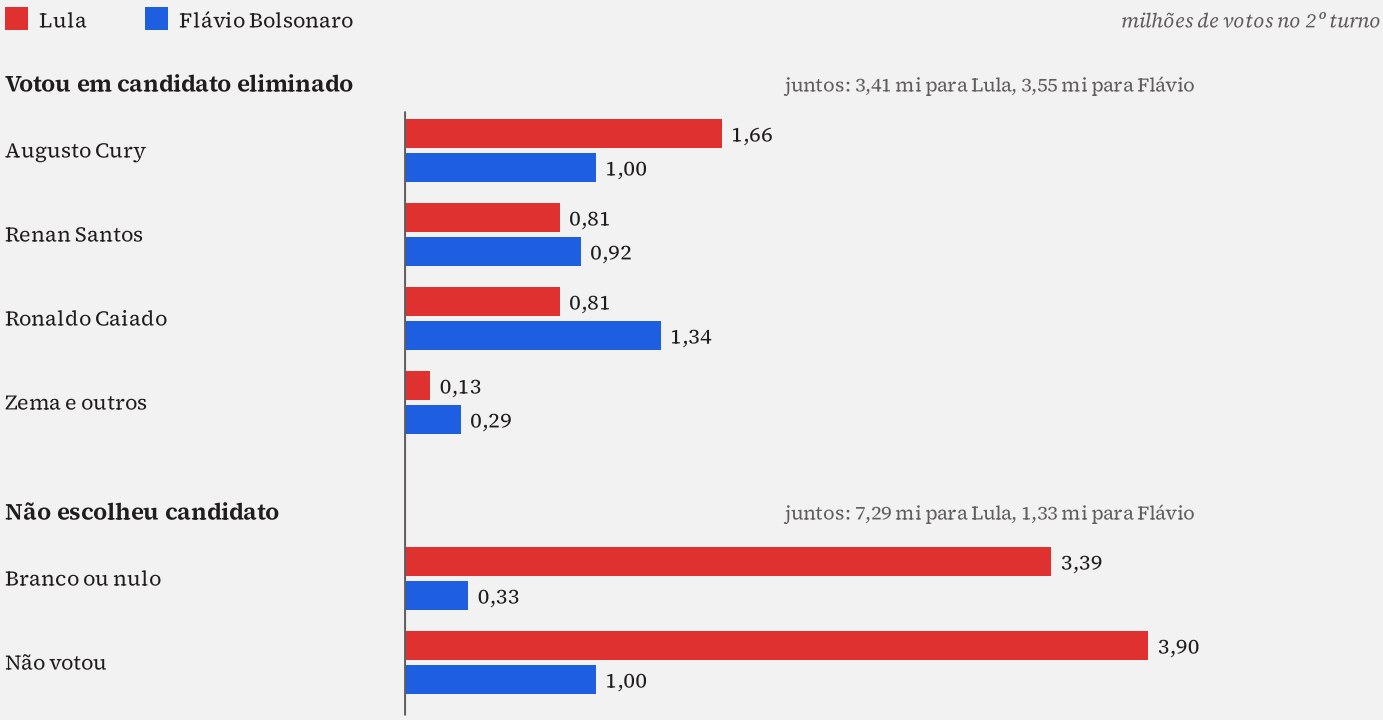
Por fim, constatamos que a contagem confere com as urnas, já que nos 5.571 municípios do país a soma dos boletins impressos em cada seção bate voto a voto com a totalização do TSE, sem uma única diferença, para mais ou para menos. Os testes estatísticos utilizados para detectar fraude ficaram dentro do esperado, e todos os modelos de projeção com histórico verificável já apontavam Lula à frente às 19h54, meia hora antes da virada na contagem bruta, o que nos leva a uma conclusão clara: o erro foi das pesquisas, e tem uma explicação, que apresentamos adiante.

De onde vieram os votos

A conta apresentada na síntese diz quantos votos estavam em jogo, porém deixa em aberto o caminho de cada grupo, tendo em vista que o voto é secreto e que só observamos os totais de cada seção eleitoral. Para estimarmos esses movimentos, optamos pelo método mais utilizado para esse fim desde os anos 1950, a regressão ecológica de Goodman, com as restrições capazes de impedir resultados impossíveis, isto é, nenhuma fração negativa e cada grupo do 1º turno somando 100%.

Rodamos a regressão de forma separada em cada município com seções suficientes (1.114 municípios) e, para os demais, nas mesorregiões, a partir da seção eleitoral como unidade de observação, abarcando 493 mil seções presentes nos dois turnos e 98,6% do eleitorado. Cabe mencionar que uma primeira rodada, feita com 90% do eleitorado, chegou às mesmas proporções, com diferenças de décimos, o que nos dá segurança de que o resultado apresentado no gráfico e na tabela abaixo não depende do tamanho da amostra.

Os eliminados racharam; quem não escolheu ninguém no 1º turno foi para Lula



Estimativa da Dados por regressão ecológica (Goodman com limites), município a município, sobre 493.475 seções presentes nos dois turnos (98,6% do eleitorado).

O ELEITOR QUE NO 1º TURNO...	FOI PARA LULA	FOI PARA FLÁVIO	ANULOU OU VOTOU EM BRANCO	NÃO VOTOU	ELEITORES
votou em Lula	98,7%	0,1%	0,3%	0,9%	53,2 mi
votou em Flávio	0,4%	97,8%	0,4%	1,4%	55,5 mi
votou em Augusto Cury (Avante)	48,6%	29,4%	14,4%	7,6%	3,4 mi
votou em Renan Santos (Missão)	30,7%	34,9%	16,3%	18,1%	2,7 mi

Fonte: totalização do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) do 1º turno (4/10/2026) e do 2º turno (25/10/2026); boletins de urna publicados pelo TSE, lidos pelo coletor da Dados.

O ELEITOR QUE NO 1º TURNO…	FOI PARA LULA	FOI PARA FLÁVIO	ANULOU OU VOTOU EM BRANCO	NÃO VOTOU	ELEITORES
votou em Ronaldo Caiado (PSD)	31,4%	51,7%	11,5%	5,4%	2,6 mi
votou em Zema ou nos menores	22,5%	49,3%	12,4%	15,8%	0,6 mi
anulou ou votou em branco	57,3%	5,6%	34,0%	3,1%	5,9 mi
não votou	12,0%	3,1%	1,3%	83,6%	32,6 mi

Cada linha soma 100%. Estimativa sobre totais de seção: a direção é robusta; os tamanhos têm a incerteza da inferência ecológica (ver a seção de método).

Conforme podemos observar na tabela acima, o voto dos eliminados pesou pouco na decisão da eleição, já que, juntos, os eleitores de Cury, Renan, Caiado e dos candidatos menores deram cerca de 3,4 milhões de votos a Lula e 3,5 milhões a Flávio. O apoio formal transferiu pouco, sobretudo no caso de Augusto Cury, que declarou apoio a Flávio em 8 de outubro e viu o seu eleitor ir mais para Lula (49% contra 29%), ao passo que Caiado, com um apoio a Flávio "de corpo inteiro", entregou mais (52% contra 31%), e Renan, neutro na disputa, viu quase um em cada cinco eleitores ficar em casa.

A segunda constatação é que a eleição foi decidida pelo eleitor sem candidato no 1º turno. Dos 5,9 milhões de eleitores com voto em branco ou nulo nas seções analisadas, estimamos que 3,4 milhões foram para Lula e 0,3 milhão para Flávio, e dos 32,6 milhões de ausentes nessas mesmas seções, cerca de 5,3 milhões apareceram no 2º turno, dos quais 3,9 milhões votaram em Lula: somados, os dois grupos deram a Lula uma vantagem de quase 6 milhões de votos, maior do que toda a virada.

A terceira é que quase ninguém trocou de lado, com uma estimativa de cerca de 230 mil eleitores de Flávio no 1º turno que votaram em Lula no 2º, contra 30 mil no caminho inverso, e a perda pela abstenção foi mais pesada para Flávio, que viu 760 mil eleitores do 1º turno ficarem em casa, contra 510 mil de Lula. Fizemos ainda uma conferência a partir de outro caminho, uma regressão simples por município, com outra unidade e sem as restrições, na qual cada eleitor a mais rendeu 0,57 voto a Lula e 0,43 a Flávio e cada voto de candidato eliminado rendeu 0,46 a Lula e 0,54 a Flávio, o que nos mostra que os tamanhos mudam com o método, porém a direção se mantém.

As pesquisas já mostravam esse mecanismo

Tomando por base as mesmas pesquisas que erraram o vencedor, percebemos que o movimento já estava, de certa forma, nos dados delas. Em 21 de outubro, Felipe Nunes, da Quaest, afirmou na GloboNews que "o eleitor branco, nulo ou que não foi votar" era a origem da "elevação de intenção de voto" de Lula e que a chance de avanço do petista crescia à medida que "a abstenção e a alienação caem". Na rodada final da BTG/Nexus, Lula tinha 53,2% entre os ausentes do 1º turno e, no último Datafolha, Flávio vencia por 52 a 48 entre os 76% mais propensos a votar, ao passo que Lula vencia por 52 a 48 entre os 24% menos propensos, o que fez com que, com a queda da abstenção, o resultado seguisse a lógica da soma dos dois grupos.

Brancos e nulos caíram de 4,77% para 3,24% dos votos, o menor patamar do século, de acordo com a Folha de S.Paulo (25/10/2026), e a abstenção passou de 21,08% para 19,22% em todo o país. Há de se destacar que se trata de uma mudança de padrão iniciada em 2022, tendo em vista que, entre 2002 e 2018, a abstenção subiu do 1º para o 2º turno em todas as eleições presidenciais, caiu pela primeira vez em 2022 (de 20,95% para 20,58%) e, em 2026, caiu cinco vezes mais do que na eleição anterior.

O porquê dessa queda é a parte que os dados eleitorais não respondem sozinhos, porém a imprensa registrou o que mudou no período, e elencamos aqui três pontos: (i) o canal de WhatsApp "Exército do Lula" passou de cerca de 50 mil para mais de 10,8 milhões de membros, em paralelo a atos de rua em dezenas de cidades; (ii) o transporte gratuito no dia da votação, obrigatório a partir de uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de 2023, já valia no 1º turno, mas foi reforçado em alguns estados (46 mil passagens na Bahia, de acordo com o Poder360, 25/10/2026); e, por fim, (iii) o governo passou a avisar por WhatsApp, a partir de 21 de outubro, que votar vale como prova de vida para aposentados do INSS, uma regra em vigor desde 2022.

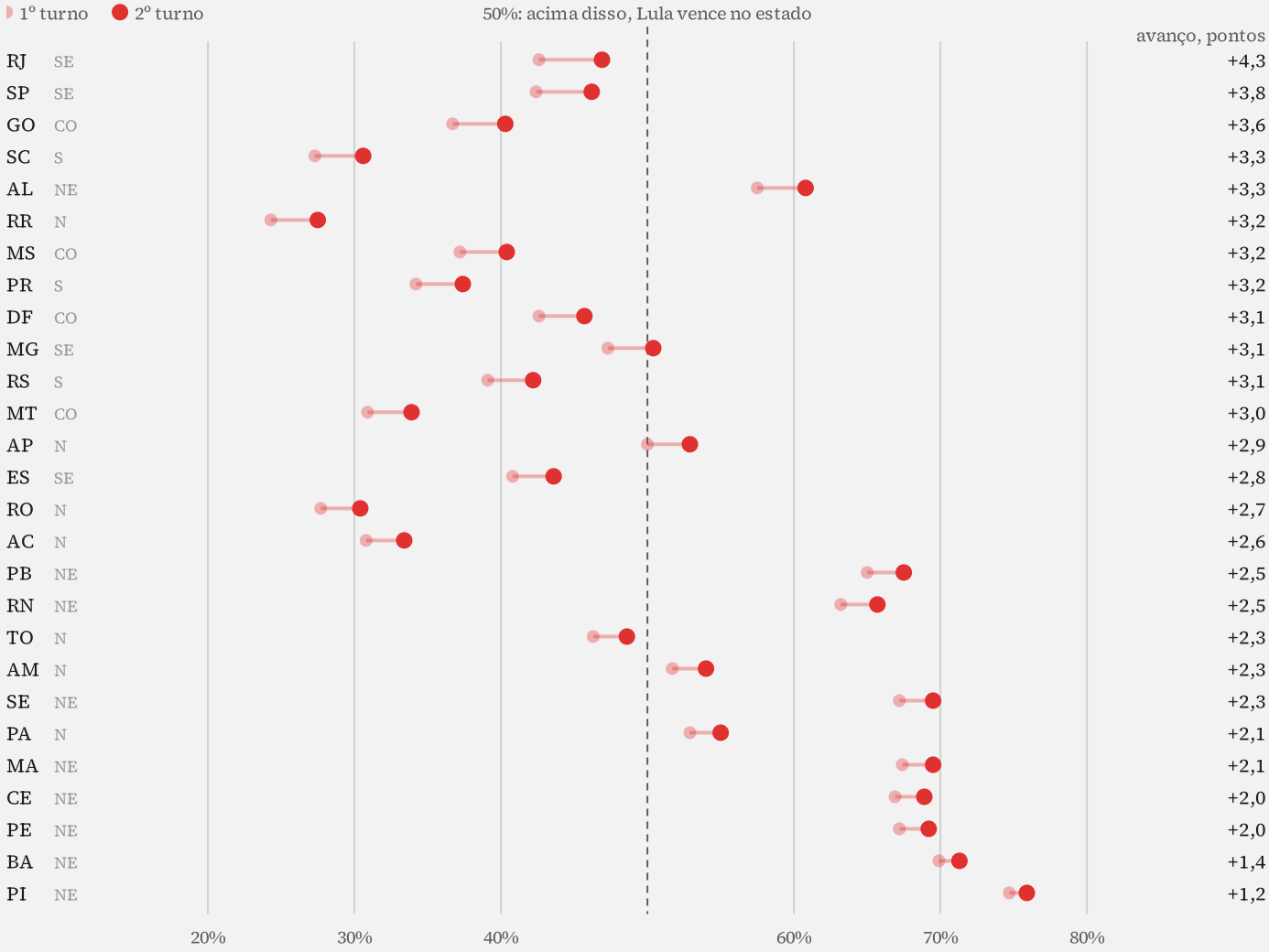
Fonte: estimativa da Dados por regressão ecológica sobre os boletins de urna do TSE (pleitos 3220 e 3221); pesquisas Quaest, BTG/Nexus e Datafolha de outubro de 2026; Folha de S.Paulo e Poder360, 25/10/2026.

A literatura recomenda cautela com o transporte como explicação, tendo em vista que, em 2022, a tarifa zero não alterou o comparecimento de forma mensurável (Pereira et al., 2023), o que não significa uma irrelevância do transporte em 2026, mas apenas que não medimos o seu efeito neste relatório. O que os dados nos mostram com segurança é onde a abstenção caiu mais, e é sobre esse cenário que nos debruçamos na próxima seção.

Onde a virada aconteceu

Comparar o percentual de votos válidos do 1º turno com o do 2º acaba por enganar, sobretudo pela presença de outros candidatos no 1º turno e pela subida, por definição, dos dois finalistas. Por isso, a medida utilizada aqui é a fatia de Lula nos votos dados a um dos dois, que no país passou de 48,99% no 1º turno para 51,79% no 2º, um avanço de 2,8 pontos apresentado estado por estado no gráfico abaixo.

Na disputa entre os dois, Lula avançou nos 27 estados



Totalização do TSE. No 1º turno, a fatia é Lula ÷ (Lula + Flávio). Estados ordenados pelo avanço, em pontos.

Como podemos observar no gráfico acima, Lula avançou em todos os estados e, de forma geral, mais onde era mais fraco, e o Nordeste, onde ele já tinha dois terços dos votos, foi a região que menos se mexeu em pontos percentuais. Porém, em número de votos, o Nordeste continuou pesando muito, a partir da subida do comparecimento e do peso de cada ponto, que lá vale milhões, e o saldo de Lula andou 6,66 milhões de votos entre os turnos, dos quais o Sudeste respondeu por 2,86 milhões e o Nordeste por 2,56 milhões, o que significa que as duas regiões fizeram, juntas, 81% da virada.

Fonte: estimativa da Dados por regressão ecológica sobre os boletins de urna do TSE (pleitos 3220 e 3221); pesquisas Quaest, BTG/Nexus e Datafolha de outubro de 2026; Folha de S.Paulo e Poder360, 25/10/2026.

REGIÃO	LULA ENTRE OS DOIS, 1º → 2º TURNO	SALDO DE LULA SOBRE FLÁVIO, 1º → 2º TURNO	ABSTENÇÃO, 1º → 2º TURNO
Sudeste	43,6% → 47,2%	−5,66 mi → −2,81 mi	22,7% → 20,3%
Nordeste	67,4% → 69,4%	+11,10 mi → +13,65 mi	18,4% → 16,5%
Sul	34,2% → 37,4%	−5,04 mi → −4,58 mi	20,5% → 18,2%
Norte	47,6% → 50,0%	−459 mil → +1 mil	19,4% → 21,3%
Centro-Oeste	36,6% → 40,0%	−2,17 mi → −1,87 mi	21,7% → 20,1%
Exterior	52,2% → 53,9%	+13 mil → +29 mil	62,7% → 58,3%

Totalização do TSE. Saldo positivo: Lula à frente.

Os estados que decidiram

São Paulo seguiu como um estado de Flávio, porém a vantagem que ele tinha caiu de 3,42 milhões para 2,02 milhões de votos, já que Lula ganhou 2,61 milhões de votos no estado e Flávio, 1,22 milhão. Na capital, Lula passou de 46,6% para 55,5% dos votos válidos e venceu em 43 das 57 zonas eleitorais, conforme trazido pela Folha de S.Paulo (25/10/2026), além de ter virado em Osasco, o que nos mostra o peso da região metropolitana no resultado nacional.

Minas Gerais foi o único estado em que o vencedor trocou: Flávio tinha 589 mil votos de vantagem no 1º turno, e Lula terminou o 2º com 109 mil à frente, em uma virada vinda do interior, como mostrou a Folha de S.Paulo (25/10/2026), com Belo Horizonte apertada para Flávio. Vale a pena chamar atenção para o fato de que todo presidente eleito desde 1989 venceu em Minas, o que faz do estado uma espécie de termômetro da eleição nacional.

No Rio de Janeiro, a vantagem de Flávio caiu pela metade, de 1,27 milhão para 604 mil votos, e Lula virou na capital. Já na Bahia e em Pernambuco a abstenção teve a maior queda do país (3,3 e 3,0 pontos), o que somou 1,1 milhão de votos à vantagem de Lula e confirma, em escala estadual, o peso da volta às urnas.

O Norte foi a única região em que a abstenção subiu (8 pontos no Amapá, 6 em Roraima e 5,6 no Acre), e foi também onde Flávio perdeu votos em números absolutos (15 mil no Acre, 14 mil no Amapá e 12 mil em Roraima), além de pequenas perdas no Amazonas, no Tocantins e, no Nordeste, no Maranhão, onde a abstenção também subiu. Em outras palavras, os votos que Flávio perdeu ficaram nos lugares em que menos gente foi votar.

Cidades grandes, médias e pequenas

MUNICÍPIOS POR ELEITORADO	MUNICÍPIOS	LULA ENTRE OS DOIS, 1º → 2º TURNO	AVANÇO	ABSTENÇÃO, 1º → 2º TURNO
até 10 mil eleitores	2.940	52,2% → 54,1%	+1,9	20,7% → 19,5%
10 a 50 mil	2.135	54,0% → 56,2%	+2,2	21,1% → 19,6%
50 a 200 mil	394	44,4% → 47,7%	+3,3	20,6% → 18,7%
200 mil a 1 milhão	90	44,4% → 47,9%	+3,5	20,2% → 18,3%
mais de 1 milhão	12	50,3% → 53,4%	+3,0	21,6% → 19,0%
capitais	27	49,7% → 52,8%	+3,1	20,9% → 18,6%
interior	5.544	48,8% → 51,5%	+2,7	20,8% → 19,1%

Totalização do TSE por município. Avanço em pontos.

O padrão que encontramos é evidente: quanto maior a cidade, maior a queda da abstenção e maior o avanço de Lula. As cidades médias e grandes do Sudeste e do Sul, com vitória folgada de Flávio no 1º turno, foram o principal cenário do avanço em pontos, e as capitais, somadas, trocaram de lado, tendo em vista que davam 160 mil votos de vantagem a Flávio no 1º turno e deram 1,56 milhão a Lula no 2º, porém o interior pesou mais em número de votos, com um saldo que andou 4,9 milhões a favor de Lula, contra 1,7 milhão nas capitais.

Fonte: totalização do TSE, 1º e 2º turnos de 2026, por região, estado e município; Folha de S.Paulo, 25/10/2026 (capital paulista, Minas Gerais).

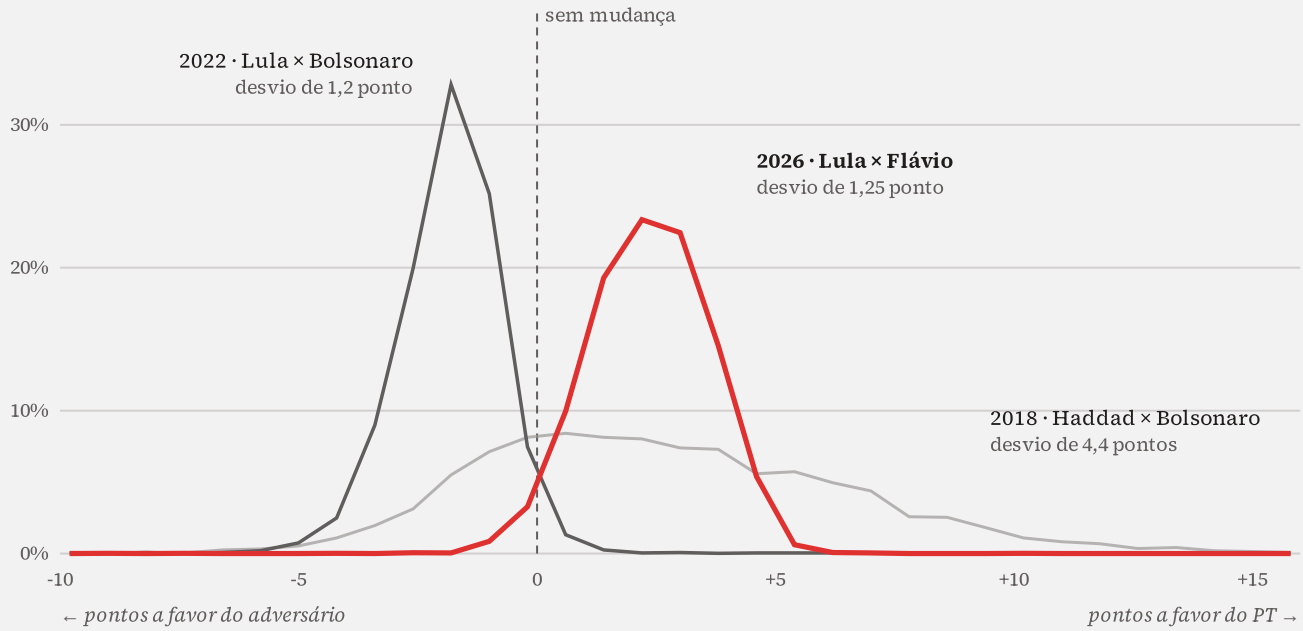
Série histórica: 2018, 2022 e 2026

Para sabermos se 2026 foi, de fato, uma eleição estranha, é preciso que a comparemos com os segundos turnos anteriores, medidos da mesma forma. Os números de 2018 e 2022 vêm dos arquivos oficiais do TSE por município e zona, e os de 2026, da totalização, o que nos permite comparar, a partir de uma mesma medida, o que aconteceu em cada cidade nas três eleições, conforme a tabela e o gráfico abaixo.

	2018	2022	2026
Finalistas	Haddad × Bolsonaro	Lula × Bolsonaro	Lula × Flávio
1º turno (válidos)	Bolsonaro 46,0%, Haddad 29,3%	Lula 48,4%, Bolsonaro 43,2%	Flávio 47,0%, Lula 45,2%
2º turno	Bolsonaro 55,1%	Lula 50,9%	Lula 51,8%
Ganho do candidato do PT entre os turnos	+15,70 mi	+3,09 mi	+10,38 mi
Ganho do adversário	+8,52 mi	+7,13 mi	+3,72 mi
Votos em disputa (eliminados, brancos e nulos a menos, comparecimento a mais)	24,22 mi	10,22 mi	14,10 mi
Parte desses votos que foi para o PT	65%	30%	74%
Abstenção, 1º → 2º turno	20,33% → 21,30%	20,95% → 20,58%	21,08% → 19,22%
Municípios em que o PT avançou na disputa entre os dois	74%	3%	97%
Municípios em que o adversário perdeu votos	2%	2%	17%

Arquivos do TSE por município e zona (2018 e 2022) e totalização de 2026.

A mudança de 2026 foi tão concentrada quanto a de 2022, no sentido oposto



Municípios pela variação da fatia do PT na disputa entre os dois finalistas, do 1º para o 2º turno, em faixas de 0,8 ponto. 5.708 municípios em 2018 e 2022; 5.569 em 2026.

Ganhar dez milhões de votos entre os turnos não é algo inédito, tendo em vista que Haddad ganhou 15,7 milhões em 2018 e mesmo assim perdeu, por partir de muito atrás, e que em 2022 foi Bolsonaro quem mais cresceu no 2º turno, ficando com 70% dos votos em disputa e quase virando uma diferença de 5 pontos. Dessa forma, percebemos que o inédito em 2026 é o resultado: a diferença do 1º turno era pequena (1,9 ponto), e um movimento de tamanho comum foi para o lado de quem estava atrás.

Fonte: arquivos de votação por município e zona e de detalhe da votação do TSE (2018 e 2022, cargo de presidente); totalização do TSE de 2026.

Além disso, constatamos que a uniformidade do movimento é a regra nos segundos turnos recentes: em 2022, a fatia de Bolsonaro na disputa entre os dois subiu em 97% dos municípios, com um desvio de 1,2 ponto entre eles, e em 2026 a de Lula subiu também em 97% dos municípios, com um desvio de 1,25 ponto, como o gráfico mostra a partir das duas distribuições na mesma forma, uma de cada lado do zero. Entendemos que essa uniformidade segue uma lógica simples, já que, quando um clima de opinião se consolida no país inteiro, as cidades passam a se mover mais ou menos o mesmo tanto, sobretudo pelo fato de os eleitores receberem as mesmas notícias e as mesmas campanhas.

O ano fora do padrão é 2018, com um movimento espalhado (desvio de 4,4 pontos), sobretudo por causa das bases regionais fortes dos eliminados, como Ciro Gomes no Ceará, ao passo que em 2026 os eliminados eram menores e estavam distribuídos pelo país. Também percebemos que Lula avançou mais onde era mais fraco, a partir de uma correlação de −0,58 entre o avanço dele em cada município e a votação que teve no 1º turno, um resultado esperado quando o voto novo vem de quem não tinha votado em ninguém, tendo em vista que onde Lula já tinha 70% sobrava pouca gente para conquistar, um movimento também visto com Haddad em 2018 (−0,61).

O que é realmente novo em 2026, como já dito, são duas coisas: (i) a abstenção caiu 1,86 ponto, cinco vezes mais do que em 2022, em uma série na qual, até 2018, ela sempre subia no 2º turno; e (ii) o primeiro colocado perdeu votos em 17% dos municípios, contra 2% nos dois segundos turnos anteriores. Essas perdas se concentram no Norte e no interior do Nordeste, onde a abstenção subiu, e a mesma relação aparece no nível da seção, considerando que, das seções em que Flávio perdeu votos, 54% tiveram queda do comparecimento, contra 20% no conjunto das seções.

O 2º turno de 2026 repete o de 2022, com outra geografia nas bordas

Município por município, a votação de Lula no 2º turno de 2026 tem uma correlação de 0,989 com a do 2º turno de 2022, e no país ele passou de 50,90% para 51,79%. O mapa é praticamente o mesmo, o que, por si só, depõe contra a ideia de um resultado fabricado, já que seria preciso fabricá-lo a partir da reprodução, em 5.568 municípios, do desenho de quatro anos antes.

Contudo, percebemos que as bordas mudaram, e de uma forma que dialoga com o restante da análise: nos municípios com menos de 10 mil eleitores, Lula teve 2,9 pontos a menos do que em 2022, e nas cidades com mais de 1 milhão de eleitores teve 3,1 pontos a mais, como mostra a tabela abaixo.

MUNICÍPIOS POR ELEITORADO	LULA 2026 – LULA 2022, 2º TURNO	MUNICÍPIOS EM QUE LULA FOI MELHOR QUE EM 2022
até 10 mil	−2,9 pontos	10%
10 a 50 mil	−1,3	26%
50 a 200 mil	+0,8	68%
200 mil a 1 milhão	+2,4	95%
mais de 1 milhão	+3,1	100%

Diferença ponderada pelos votos válidos de 2026, em 5.568 municípios presentes nas duas eleições.

Dessa forma, fica evidente que a vitória de 2026 é mais metropolitana do que a de 2022, com Lula perdendo terreno no interior pequeno, onde Flávio manteve consolidada a base de Bolsonaro, e ganhando nas cidades grandes, onde a abstenção mais caiu. É um movimento que só aparece quando olhamos o mapa por porte de cidade, tendo em vista que, no agregado, as duas eleições parecem quase idênticas.

Fonte: arquivos de votação por município e zona e de detalhe da votação do TSE (2018 e 2022, cargo de presidente); totalização do TSE de 2026.

O que a literatura explica

A ciência política brasileira acumula quatro décadas de estudos sobre como o eleitor decide, e acreditamos que boa parte do que aconteceu em 2026 cabe naquilo que essa literatura já descreveu. Nesta seção, resumimos o que ela prevê e confrontamos com os dados das seções anteriores, ressaltando que algumas das referências utilizadas foram lidas na íntegra e outras apenas pelo resumo, como indicamos na lista de referências ao final do relatório.

Uma virada tem dois caminhos possíveis

O candidato atrás na disputa pode virar a eleição de duas formas: (i) recebendo dos eliminados mais votos do que a vantagem do líder; ou (ii) trazendo às urnas mais eleitores ausentes no 1º turno do que o adversário consegue trazer. Nos segundos turnos brasileiros estudados pela literatura, a transferência dos eliminados sempre foi parcial, como mostram os casos de 1989, quando os candidatos de centro-esquerda somavam cerca de 49% e Collor venceu (Fleischer, 1990), e de 2006, quando apenas cerca de 4% do eleitorado trocou um candidato derrotado por Lula, um movimento que Rennó e Hoepers (2010) chamaram de "voto estratégico punitivo".

Em 2022, os eleitores de Tebet e Ciro diziam preferir Lula por 56% a 59% e, mesmo assim, Bolsonaro cresceu mais entre os turnos. Já em 2026, a eleição foi decidida pelo segundo caminho, porque os eliminados se dividiram e a vantagem veio de quem não tinha escolhido candidato, e a literatura sobre comparecimento nos ajuda a entender essa lógica, considerando que o voto obrigatório aumenta o comparecimento dos mais escolarizados pelo menos duas vezes mais do que o dos menos escolarizados (Cepaluni; Hidalgo, 2016), o que faz com que quem fica em casa seja, em média, mais pobre e menos escolarizado, um perfil de voto mais forte em Lula.

Quando a abstenção cai, é justamente esse eleitor que volta às urnas, e foi esse o cenário que observamos nas cidades grandes. Porém, a mesma literatura recomenda cuidado com as explicações fáceis para essa queda, como no caso da tarifa zero no transporte, que, como já trazido na segunda seção, não mudou o comparecimento de forma mensurável em 2022.

Lulismo, governo e transferências de renda

André Singer (2009) descreveu um realinhamento em 2006, a partir da adesão a Lula do eleitorado de renda mais baixa, com centro no Nordeste, e do afastamento da classe média. Como trazido por Zucco (2008; 2013), as transferências de renda favorecem o candidato do governo, seja ele quem for, com um efeito de curto prazo sem mudança na identificação partidária, e Licio, Rennó e Castro (2009) mediram o efeito do Bolsa Família no voto individual em Lula em 2006.

Há críticas a essa leitura, sobretudo a de que o PT já tinha os mais pobres no 2º turno de 2002, antes de governar, bem como a de que no Nordeste o partido vence em todas as faixas de escolaridade (Limongi; Guarnieri, 2014). Em 2026, Lula era o candidato do governo, e o governo reajustou o Bolsa Família durante a campanha, o que leva a literatura a prever uma vantagem entre os beneficiários, também presente nas pesquisas (a Quaest registrava 62% a 27% entre beneficiários do programa em 21 de outubro), porém a virada veio de fora da base clássica do lulismo, tendo em vista que o Nordeste foi a região que menos se mexeu em pontos e que o avanço maior se deu nas cidades médias e grandes do Sudeste.

Avaliação do governo

Entre 1994 e 2002, prevaleceu o voto retrospectivo pautado pela economia (Rennó; Spanakos, 2006), e em 2014 a avaliação de Dilma previu bem o voto nos dois turnos (Amaral; Ribeiro, 2015), enquanto, para 2022, Tanscheit e Barbosa (2023) concluíram por um peso maior da memória dos governos de Lula do que da avaliação de curto prazo. Em 2026, percebemos que a avaliação se moveu junto com a intenção de voto, e na última Quaest a aprovação (48%) superou a desaprovação (45%) pela primeira vez desde agosto, um movimento que Felipe Nunes chamou de "bala de prata" do governo na reta final.

Fonte: literatura de ciência política listada na seção de método; pesquisas Quaest e Datafolha de outubro de 2026.

Rejeição e polarização

No Brasil, o sentimento partidário, seja ele positivo ou negativo, gira em torno do PT (Samuels; Zucco, 2018), e o antipetismo previu o voto em 2014 (Ribeiro; Carreirão; Borba, 2016) e em 2018 (Fuks; Ribeiro; Borba, 2021). A partir de 2010, as identidades políticas se polarizaram (Ortellado; Ribeiro; Zeine, 2022), e Nunes e Traumann (2023) chamam essa polarização de "calcificada", o que leva à previsão de que, com os blocos rígidos, o 2º turno se decida entre os poucos sem rejeição a nenhum dos dois e os ausentes, com uma tendência de vitória de quem tem a menor rejeição.

Foi esse o cenário que encontramos em 2026, com uma queda da rejeição de Lula ao longo do 2º turno (de 53% para 47% na Quaest) e uma subida da de Flávio no Datafolha (de 43% para 45%). Quase ninguém trocou de lado, como mostra a matriz de transferências, e a correlação de 0,989 entre o mapa de 2022 e o de 2026 indica, de certa forma, que a polarização calcificada se manteve, consolidando um desenho do voto praticamente igual nas duas eleições.

Religião

Os pentecostais formam uma base antipetista e recompensam menos o PT pelo Bolsa Família (Araujo, 2022), e o crescimento evangélico nos municípios reduz o comparecimento (Araujo, 2025). Em 2026, os evangélicos davam de 69% a 73% a Flávio nas pesquisas e os católicos, de 56% a 59% a Lula, e o episódio entre Flávio e a CNBB, envolvendo Nossa Senhora Aparecida, foi apontado por Igor Gielow (Folha de S.Paulo, 25/10/2026) como um dos impulsos ao voto em Lula entre católicos e mulheres da periferia. Ainda não testamos a religião a partir de dados de seção, tendo em vista a necessidade de um cruzamento com o Censo.

Geografia

Houve polarização geográfica significativa em todas as eleições de 1989 a 2018, e a do PT contra o seu adversário cresce desde 2006 (Alkmim; Terron, 2022). Tomando por base a classificação de Braga e Zolnerkevic (2020), consideramos 2026 uma eleição mantida, já que o mapa repete o de 2022 e o que mudou foram as bordas, com Lula perdendo terreno nos municípios pequenos e ganhando nas cidades grandes.

O que a literatura sugeria testar, e o que os dados disseram

HIPÓTESE	RESULTADO
Lula recebe a maioria dos votos dos eliminados	Não se confirmou: cerca de 3,4 milhões para Lula e 3,5 milhões para Flávio
A volta de quem se absteve favorece Lula	Confirmada: 3,9 milhões para Lula e 1,0 milhão para Flávio
Brancos e nulos do 1º turno decidem	Confirmada: 3,4 milhões para Lula e 0,3 milhão para Flávio
A virada depende de ganhos fora do Nordeste	Confirmada: maiores avanços no Sudeste, no Centro-Oeste e no Sul
O voto de 2026 repete o de 2022 por município	Confirmada: correlação de 0,989
O ganho varia com o porte do município	Confirmada: +1,9 ponto nas cidades com até 10 mil eleitores, de +3,0 a +3,5 nas maiores
Escolaridade, religião, gênero e Bolsa Família por seção	Ainda não testadas: exigem o perfil do eleitorado e o Censo

Hipóteses extraídas da literatura citada nesta seção; resultados das seções anteriores.

Fonte: literatura de ciência política listada na seção de método; pesquisas Quaest e Datafolha de outubro de 2026.

Um limite que a literatura impõe

A matriz de transferências é uma inferência ecológica, ou seja, uma estimativa do comportamento individual a partir de totais de seção, um problema conhecido desde os anos 1950 e enfrentado por Goodman (1953) e King (1997). Em um teste com resultados verdadeiros conhecidos, os intervalos de 95% desses métodos acertaram apenas de 30% a 40% das vezes (Plescia; De Sio, 2018), e por isso tratamos os tamanhos da matriz como estimativas e nos apoiamos na direção, que se repete com outro método e outra unidade, bem como nas contas aritméticas, que não dependem de inferência.

O que dizem os analistas

As falas que trazemos a seguir foram lidas nas fontes originais, com data e veículo, e as separamos entre o que se dizia durante o 2º turno, com o resultado ainda aberto, e as explicações da noite da eleição. Ao final, confrontamos essas explicações com os dados, de forma a separarmos a leitura que se confirma daquela que é apenas plausível.

Durante o 2º turno

No começo do 2º turno, quase todos viam Flávio como favorito, como mostra a reportagem do Estadão de 10 de outubro, reproduzida pelo TNH1, a partir de entrevistas com analistas de pesquisa: Luciana Chong, do Datafolha, disse que "o segundo turno é mais difícil para o Lula"; Maurício Moura, do Ideia, que "o caminho para virar é a abstenção"; Murilo Hidalgo, do Paraná Pesquisas, que "para ganhar, Lula precisa tirar voto do Flávio"; e Alberto Carlos Almeida afirmou considerar "irreversível o resultado". Maurício Moura acertou o mecanismo, ao passo que a previsão de Hidalgo não se cumpriu, tendo em vista que Lula venceu sem que Flávio perdesse uma quantidade relevante de votos.

Na Folha de S.Paulo, Celso Rocha de Barros escreveu em 17 de outubro que "Flávio perde votos quando eleitor o imagina governando" e que a liderança no 1º turno podia ter sido "ruim para Flávio", por obrigar o eleitorado a levar a sério a hipótese de um governo dele. Em O Globo, Vera Magalhães escreveu em 16 de outubro que a aproximação de Lula se devia "antes à perda de fôlego de Flávio" e, em 23 de outubro, que a derrota de Lula era "probabilisticamente mais provável", no mesmo dia em que a Eurasia reduziu de 70% para 60% a chance de Flávio e em que Mauro Paulino, ex-diretor do Datafolha, disse ver "uma grande probabilidade" de ultrapassagem de Lula às vésperas (Diario de Pernambuco, 23/10/2026).

Felipe Nunes, da Quaest, foi quem descreveu com mais precisão o que viria, como já trazido na segunda seção, a partir da leitura, em 21 de outubro, de que o voto novo de Lula vinha de brancos, nulos e ausentes e de que a chance dele crescia à medida que a abstenção caísse. Maurício Moura já tinha apontado o mesmo caminho no dia 10, e a noite da eleição confirmou a leitura dos dois.

Na noite da eleição

Na noite da eleição, a explicação mais repetida foi a da abstenção. Igor Gielow escreveu na Folha de S.Paulo (25/10/2026) que "no centro da virada de Lula está a queda recorde na abstenção, que afetava majoritariamente segmentos que lhe davam mais intenção de voto", e atribuiu o feito à combinação do desempenho no Nordeste e em Minas com uma queda da abstenção "fruto de mobilização inaudita na esquerda em anos", e o Poder360 (25/10/2026) titulou que a "queda inédita da abstenção foi essencial para virada de Lula".

Fonte: literatura de ciência política listada na seção de método; pesquisas Quaest e Datafolha de outubro de 2026.

Outra leitura que se repetiu foi a das ruas e das redes, presente nos artigos de Flávia Biroli, para quem "a frente ampla, desta vez, veio de baixo", de Jorge Chaloub, para quem "não é possível separar ruas e redes neste segundo turno", e de Fernando Abrucio, que atribuiu a vitória a uma campanha "comandada pelo 'general' Janones na internet e pelos jovens nas ruas", todos na Folha de S.Paulo (25/10/2026). Na TV Folha, Marcos Augusto Gonçalves afirmou que "é a primeira eleição em que a esquerda tem uma performance digital competitiva com a direita", e Raquel Recuero, da UFPel, disse à Agência Pública (25/10/2026) que "o que mobilizou foi a emoção, o medo de uma vitória de Flávio Bolsonaro".

Para Mônica Bergamo, também na TV Folha (25/10/2026), "o primeiro turno foi um plebiscito sobre o Lula. E o segundo turno foi um plebiscito sobre o bolsonarismo", uma leitura que se aproxima da de Wilson Gomes, no mesmo programa, para quem "a vitória surpreendente do Flávio no primeiro turno pode ter reativado a memória política do que foi o bolsonarismo". À BBC Brasil (25/10/2026), Marco Antônio Teixeira, da FGV, afirmou que "as denúncias não colaram nem no Lula nem no Flávio Bolsonaro" e que o lulismo "não venceu apenas por si só", e Luciana Santana, da Ufal, disse que "o lulismo ultrapassa a avaliação de uma gestão".

Jairo Nicolau, à NPR (25/10/2026), atribuiu o resultado à rigidez das lealdades, em que a identidade de pertencer a uma tribo pesou mais do que a avaliação das políticas. Houve também a leitura da máquina pública, presente no editorial da Folha de S.Paulo (25/10/2026), segundo o qual Lula recorreu, "como nunca o fizera em disputas anteriores, ao uso descarado da máquina pública", na Revista Oeste (25/10/2026), que atribuiu a vitória a "medidas eleitoreiras", bem como na lista de Gielow de quase R$ 300 bilhões em anúncios durante a campanha.

Cabe mencionar que houve também cautelas, como a de Sabrina Freire, no Poder360 (25/10/2026), que ponderou que "a virada eleitoral não pode ser atribuída exclusivamente ao Exército do Lula", por não haver como medir quantos votos o canal conquistou, a de Tatiana Dourado, da PUC-Rio, que disse à Agência Pública que "ainda é difícil afirmar que essa capacidade de mobilização se tornou permanente", e a de Ana Luiza Albuquerque, que lembrou na Folha de S.Paulo (25/10/2026) que Flávio fez quase 60 milhões de votos "impulsionado, acima de tudo, pelo sobrenome", sinal de que o antipetismo segue forte. Entre os institutos de pesquisa, Andrei Roman, da AtlasIntel, fez uma autocrítica pouco comum na noite de uma eleição, que detalhamos na seção sobre a integridade do resultado.

O que os dados confirmam e o que não confirmam

EXPLICAÇÃO	O QUE OS DADOS DIZEM
A queda da abstenção decidiu (Gielow, Poder360, Felipe Nunes)	Confirma. Quem não tinha votado em ninguém no 1º turno deu a Lula quase 6 milhões de votos de vantagem
Houve virada de votos, além da abstenção (Biroli)	Pouco. A troca direta foi de cerca de 230 mil eleitores de Flávio para Lula e 30 mil no sentido inverso; a aritmética que parece exigir virada se explica pela entrada de quem anulou ou se absteve
Nordeste e Minas decidiram (Gielow)	Em parte. O Nordeste deu 2,56 milhões à virada, mas foi a região que menos se mexeu em pontos; o Sudeste deu 2,86 milhões, e São Paulo sozinho 1,40 milhão
Plebiscito sobre o bolsonarismo, rejeição de Flávio (Bergamo, Celso Rocha de Barros)	Compatível. Os eliminados de direita não foram em bloco para Flávio, e o eleitor de Cury preferiu Lula mesmo com o apoio de Cury a Flávio
Mobilização digital e de rua (Abrucio, Chaloub, Recuero)	Plausível, não medido. Os dados eleitorais mostram o efeito (mais comparecimento nas cidades grandes), não a causa
Uso da máquina pública (Folha, Oeste)	Plausível, não medido aqui. A literatura confirma que transferências favorecem o governo, mas o Nordeste, onde o Bolsa Família pesa mais, foi onde Lula menos avançou em pontos
Modelos de eleitor provável erraram (Roman)	Confirma. O Datafolha mostrava Lula à frente entre os menos propensos a votar

Confronto entre as explicações publicadas e os números das seções anteriores.

Fonte: Folha de S.Paulo, O Globo, Estadão (via TNH1), GloboNews (via Jornal Razão), Diario de Pernambuco, Poder360, BBC Brasil, NPR, Agência Pública, Revista Oeste e Estado de Minas, 10 a 25/10/2026.

Em suma, a explicação da abstenção se confirma integralmente, a do Nordeste se confirma em parte e as da mobilização digital e do uso da máquina são plausíveis, porém não as medimos aqui, o que deixa em aberto o peso de cada uma delas e é o ponto de partida da próxima etapa do trabalho.

Leitura estratégica

A partir dos números, da literatura e do que se viu na campanha, conseguimos explicar a virada como o resultado de cinco movimentos, cada um deles com implicações para quem disputa eleição, inclusive municipal, bem como para quem acompanha pesquisas e resultados ao longo de uma noite de apuração.

O 2º turno se ganha com quem não votou

Em todo o país, os eliminados tinham 9,3 milhões de votos no 1º turno, os que anularam ou votaram em branco eram 6 milhões e os que não foram votar somavam 33,5 milhões. Como já dito, o primeiro grupo se dividiu e os outros dois decidiram, o que nos leva a uma constatação simples: uma campanha de 2º turno que se pauta apenas pela negociação de apoio com derrotados está olhando para a menor parte do eleitorado em disputa.

Apoio formal transfere pouco

Cury apoiou Flávio e o seu eleitor foi mais para Lula, enquanto Caiado apoiou "de corpo inteiro" e entregou cerca de metade. Entendemos que o eleitor de um candidato eliminado decide sozinho, pautado sobretudo pela rejeição a cada finalista, muito mais do que pela orientação do candidato em quem votou no 1º turno.

Quem lidera vira alvo

Flávio saiu do 1º turno como favorito e passou três semanas sendo examinado como futuro presidente, em um debate pautado pelo "tesouraço", pela dúvida sobre a escala 6x1 e pelos casos que voltaram nos debates, o que fez com que a sua rejeição subisse enquanto a de Lula caía. Com a polarização calcificada, a disputa passa a depender menos de convencer o eleitor do outro lado e mais de convencer o eleitor que já está do seu lado de que vale a pena sair de casa para impedir o adversário.

O avanço proporcional veio de onde o candidato era mais fraco

O Nordeste, já perto do teto em percentual, contribuiu com votos por causa da subida do comparecimento, porém o maior avanço proporcional veio das cidades médias e grandes do Sudeste, do Sul e do Centro-Oeste, onde Flávio tinha vencido com folga e onde a abstenção era maior. Em outras palavras, a eleição foi decidida menos pelo ganho de Lula nas áreas em que ele já vencia do que pela redução da vantagem de Flávio nas áreas em que este vencia.

A mobilização é desigual e pode ser medida

A abstenção caiu muito na Bahia, em Pernambuco e nas capitais, e subiu no Norte. O dado de seção mostra onde a mobilização funcionou e onde falhou e, na noite da apuração, mostrou o resultado com apenas 5% das urnas, o que faz com que uma campanha que acompanha o comparecimento por seção saiba onde concentrar os esforços da última semana.

Para as pesquisas e para quem as lê

O erro de 2026 foi de modelo de comparecimento, muito mais do que de amostra: o Datafolha tinha o dado certo (Lula à frente entre os menos propensos a votar), porém o modelo de eleitor provável, pautado pela propensão declarada de ir votar, o descontou. Em uma eleição em que o comparecimento é a variável em disputa, o filtro de eleitor provável decide o número publicado, e por isso acreditamos que quem consome pesquisa deve olhar, além do número principal, os cenários por propensão de voto.

Fonte: Folha de S.Paulo, O Globo, Estadão (via TNH1), GloboNews (via Jornal Razão), Diario de Pernambuco, Poder360, BBC Brasil, NPR, Agência Pública, Revista Oeste e Estado de Minas, 10 a 25/10/2026.

Para a legitimidade do resultado

A virada deixou duas discussões legítimas: (i) o papel do STF na prorrogação da votação; e (ii) o uso da máquina pública na campanha. As duas têm um foro adequado, que é a Justiça Eleitoral, e nenhuma delas muda a contagem, tendo em vista que a soma dos boletins é igual ao total oficial e que o desenho do voto repete o de 2022, além de o peso máximo da prorrogação ser de algumas centenas de milhares de votos, contra uma margem de 4,43 milhões. Dessa forma, entendemos que as duas discussões devem seguir no foro adequado, sem que o debate político, que é legítimo, se confunda com a contestação da contagem, que os dados não sustentam.

Para 2028

Nas eleições municipais, só há 2º turno nas cidades com mais de 200 mil eleitores, o que, em Alagoas, significa Maceió. Os mesmos mecanismos valem em escala menor: em Maceió, a abstenção no 2º turno de 2026 foi de cerca de 17%, e os votos em disputa entre os turnos, 58,9 mil, superaram a diferença entre os dois candidatos no 1º turno da cidade, o que torna o mapeamento, seção por seção, dos eleitores ausentes uma das principais ferramentas de uma campanha de 2º turno.

A integridade do resultado

É confortável afirmar que o resultado é real, tendo em vista que os arquivos públicos do TSE permitem verificá-lo de várias formas independentes. As checagens apresentadas a seguir não dependem umas das outras, o que significa que, se uma delas falhasse por erro nosso, as outras continuariam de pé, e depois delas trazemos os pontos em observação, isto é, os questionamentos em circulação sobre o resultado, cada um com o que os dados dizem.

1. O que as urnas imprimiram é o que o TSE somou

Ao fim da votação, cada urna imprime o boletim de urna (BU), que traz os votos da seção e é assinado pelos mesários, ficando uma via afixada na porta da seção e cópias com os fiscais de partido, além de o TSE publicar o mesmo boletim na internet, com a assinatura digital da urna. O coletor da Dados baixou os 497.897 boletins do 2º turno à medida da sua publicação, abarcando todas as seções do território nacional, e somamos esses boletins município por município.

O resultado foi evidente: nos 5.571 municípios abarcados pela conferência, o comparecimento e os votos de Lula e de Flávio são idênticos voto a voto aos da totalização, sem nenhuma diferença, para mais ou para menos, em qualquer um deles. Um voto inserido na totalização apareceria como uma diferença entre a soma dos boletins e o total oficial, diferença que não encontramos em nenhum município e que qualquer pessoa pode conferir a partir dos arquivos públicos do TSE, bem como qualquer fiscal pode comparar com o papel afixado na porta da seção.

2. Os testes estatísticos de fraude não acusam nada

A literatura de forense eleitoral tem testes consagrados para detectar manipulação em contagens de seção, dos quais rodamos três, nos dois turnos. O primeiro é a impressão digital proposta por Klimek et al. (2012), pautada na premissa de que o enchimento de urna deixa uma marca, a saber, seções com comparecimento perto de 100% e quase todos os votos para um candidato, bem como uma correlação positiva entre comparecimento e voto no beneficiado.

No 2º turno, 0,023% das seções têm comparecimento acima de 95% e mais de 90% para Lula, contra 0,017% no 1º turno, e para Flávio a taxa é de 0,002% nos dois turnos. Já a correlação entre comparecimento e voto em Lula foi de 0,06 no 1º turno e de 0,05 no 2º, o que nos mostra que nada mudou de um turno para o outro e que nada se parece com a marca típica de um enchimento de urna.

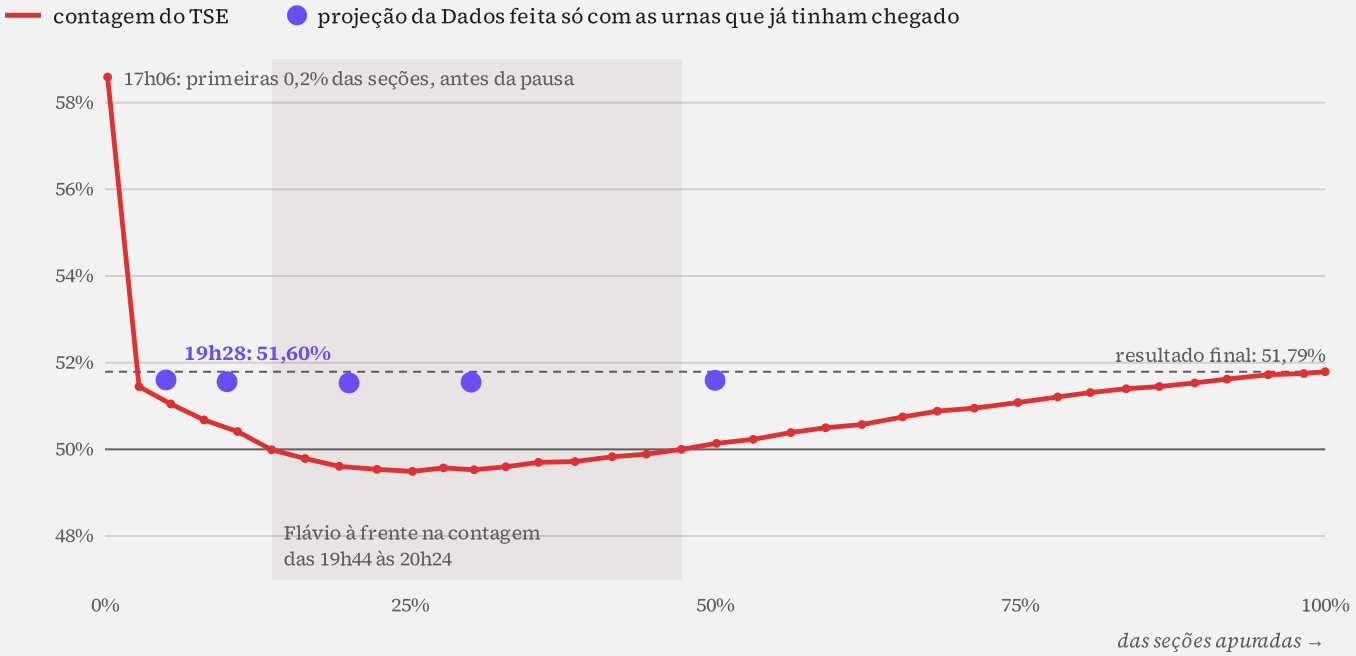
Fonte: seções anteriores deste relatório; totalização do TSE de Maceió, 1º e 2º turnos de 2026.

O segundo é o teste do último dígito (Beber; Scacco, 2012), a partir da premissa de que, quando alguém inventa números, os últimos dígitos saem com frequências erradas, considerando a dificuldade das pessoas em produzir números aleatórios. Comparamos o último dígito das contagens de cada candidato em cada seção (de 257 mil a 323 mil contagens por candidato e turno) com o esperado a partir de uma simulação das mesmas contagens, e os valores-p foram de 0,11 e 0,50 no 1º turno (Lula e Flávio) e de 0,67 e 0,07 no 2º, nenhum deles indicando anomalia, sendo de 1,5% o maior desvio que encontramos em qualquer dígito.

O terceiro olha para a distribuição da mudança entre os turnos, já que uma manipulação localizada produz um segundo pico ou uma cauda gorda nessa distribuição, e a de 2026 é lisa, com um pico só e a mesma forma da de 2022, como já apresentado na seção de série histórica, o que afasta, também por esse caminho, a hipótese de uma manipulação concentrada em alguma parte do país.

3. As primeiras urnas já diziam o resultado

A contagem bruta oscilou; a projeção feita com as primeiras urnas, não



Contagem: curva da totalização do TSE gravada pelo painel da Dados. Projeção: regressão por região sobre o 1º turno de cada seção, treinada só nas seções que já tinham chegado (boletins de 463 mil seções; nelas, o resultado final foi 51,68%).

A contagem bruta mede a ordem de chegada dos boletins muito mais do que o resultado, o que explica a oscilação que tanto chamou atenção na noite da apuração. Na noite de 25 de outubro, os primeiros 10% das seções vieram em excesso do Norte (30% delas, contra 8% do eleitorado) e com pouco Sudeste (18%, contra 41%), e as grandes cidades, onde Lula mais cresceu, chegaram por último, o que fez com que a contagem mostrasse Flávio à frente entre 19h44 e 20h24 e depois subisse devagar até o resultado final, como já tinha acontecido em 2022, no sentido inverso, quando Lula só passou Bolsonaro com cerca de dois terços das urnas apuradas.

Por outro lado, uma projeção que corrige a ordem de chegada não oscila, e a da Dados aprende, com as seções que já chegaram, como o voto de 2º turno de cada seção se relaciona com o voto dela no 1º turno, aplicando essa relação às seções que faltam, de forma que, com apenas os primeiros 5% das seções, às 19h28, ela dava 51,6% a Lula e ficou entre 51,5% e 51,6% em todos os cortes seguintes, enquanto a contagem bruta oscilava. Se os votos de Lula tivessem sido inseridos depois, em lotes, as primeiras urnas não poderiam prever o total.

Fonte: boletins de urna do TSE lidos pelo coletor da Dados (497.897 seções do 2º turno); totalização do TSE; históricos dos modelos de projeção abertos em 25/10/2026; Gazeta do Povo, CNN Brasil, Folha de S.Paulo, Politico, Lupa e Aos Fatos, 6 a 26/10/2026.

4. Os modelos de projeção da noite chegaram ao mesmo lugar por caminhos diferentes

Dez painéis independentes projetaram o 2º turno ao vivo, com autores, bases e métodos diferentes, e abrimos todos depois da apuração para baixarmos o histórico de cada um, de forma a sabermos a partir de que momento cada modelo passou a apontar Lula à frente.

MODELO	QUEM FAZ	COMO PROJETA	O QUE MOSTROU
Estadão	Rodrigo Mahlmeister (doutorando em Duke)	compara cada seção com ela mesma em 2022 e no 1º turno	faixa de 95% inteira acima de 50% desde 19h07, com 1,5% das seções
Apuração Aberta	Diogo Machado	variação de cada seção desde o 1º turno, por estado e capital × interior	faixa inteira do lado de Lula desde 3,6% das seções (cerca de 19h24)
Janela, do Plano Político	Vinícius Justo (PhD, Ohio State)	desvio histórico de cada zona eleitoral	intervalo de 98% acima de 50% às 19h44; "Lula eleito" às 20h10
radio.am	estúdio Tinfoil	regressão bayesiana de transferências por seção	começou com 32% de chance para Lula; acima de 99% às 19h40
PollsterGraph	autoria não informada	pesquisas atualizadas pela apuração, estado a estado	começou com 34,5% de chance para Lula; 98,6% às 19h29
PET Apura	PET de Ciências Sociais da USP (prof. Manoel Galdino)	modelo hierárquico bayesiano por seção	previsão inicial de 47,35% para Lula; faixa acima de 50% às 20h03
LC&A Balotaje	Luis Costa & Asoc.	regressão logística multinível por município	primeira projeção, às 19h39: 52,4% ± 0,6
ElectoMaps	autoria não informada	2.000 cenários sobre 2022 e o 1º turno	chance de 94% às 19h35; acima de 99% às 20h25
Apura Logo	autoria não informada	reapuração na ordem de chegada com correção	53,75% às 19h02; nunca abaixo de 51,8%
Urna Aberta	Jimmy Carvalho	regressão por cidade	histórico da projeção não guardado

Históricos baixados de cada painel na noite de 25/10/2026, horário de Brasília.

Às 19h54, com 11% a 15% das seções, todos os modelos que guardam histórico já projetavam Lula acima de 50%, meia hora antes da virada da contagem bruta, às 20h24, e o agregador urnas.lucaslugao.com, que juntava seis deles, marcava uma mediana de 51,79%. Consideramos que isso conta como evidência por três motivos: (i) os modelos usam unidades diferentes (seção, zona, município, estado), bases diferentes (1º turno de 2026, 2º turno de 2022, pesquisas) e matemática diferente, de forma que um bloco de urnas adulteradas tenderia a fazê-los discordar ou saltar quando chegasse; (ii) vários começaram a noite favorecendo Flávio, e foram as urnas que os moveram; e, por fim, (iii) eles erraram de jeitos diferentes, como se espera de trabalhos feitos em separado.

Há um limite a registrar, tendo em vista que os modelos leem os mesmos arquivos do TSE e que a maioria usa o 1º turno de 2026 como base. O que a convergência prova é que a contagem do 2º turno é coerente por dentro e coerente com o 1º turno, seção por seção, e a garantia de que cada boletim registrou cada voto corretamente vem do caminho apresentado no item 1, a partir da comparação entre o papel da seção e o arquivo publicado.

5. As pesquisas erraram, e o erro tem direção conhecida

Das últimas pesquisas que foram divulgadas, quase todas davam Flávio à frente nos votos válidos, como Datafolha, Quaest e PoderData com 51 a 49, AtlasIntel com 50,8 a 49,2, BTG/Nexus com 50,5 a 49,5, CNT/MDA com 50,7 a 49,3, Futura com 50,1 a 49,9 e Gerp com 52 a 48, tendo como exceção apenas a Vox Brasil, com Lula em 50,6%. De acordo com a Gazeta do Povo (25/10/2026), o erro sobre o resultado ficou entre 1,9 ponto (Futura) e 3,8 pontos (Gerp), e todos os institutos subestimaram Lula.

Porém, erro de pesquisa não é indício de fraude na contagem, como mostra o 1º turno de 2026, quando as pesquisas erraram no sentido oposto, dando 51,3% a Lula na disputa entre os dois, contra 49,0% nas urnas, bem como o 1º turno de 2022, quando o Datafolha da véspera dava 36% dos válidos a Bolsonaro, que teve 43,2%.

Fonte: boletins de urna do TSE lidos pelo coletor da Dados (497.897 seções do 2º turno); totalização do TSE; históricos dos modelos de projeção abertos em 25/10/2026; Gazeta do Povo, CNN Brasil, Folha de S.Paulo, Politico, Lupa e Aos Fatos, 6 a 26/10/2026.

O mecanismo do erro de 2026 foi apontado por gente de dentro dos institutos, como Andrei Roman, da AtlasIntel, que escreveu na noite da eleição que Quaest e Datafolha "utilizaram modelos errôneos de eleitor provável" e que "o nítido aumento da mobilização lulista elevava na margem a taxa de comparecimento desse grupo" (Estado de Minas, 25/10/2026). O Datafolha mostrava, no dia 24, Flávio à frente entre os 76% mais propensos a votar e Lula à frente entre os 24% menos propensos, de forma que, quando a abstenção caiu, entrou mais gente do segundo grupo.

Além disso, a tendência que se consolidou ao longo de outubro estava em todas as séries: no Datafolha, Flávio passou de 52 a 48 para 51 a 49, depois para 50 a 50, voltando a 51 a 49 na véspera; na AtlasIntel, de 52,8% para 50,8%; e a rejeição de Lula na Quaest caiu de 53% para 47%, um cenário que Mauro Paulino, como já trazido na seção dos analistas, leu como de "uma grande probabilidade" de ultrapassagem de Lula às vésperas.

6. Pontos em observação: os números

Os questionamentos abarcados nesta seção circularam nas redes, na imprensa e em conversas entre 25 e 26 de outubro e envolvem as dúvidas acerca dos números, as falas de Flávio e dos seus aliados e, por fim, outras alegações dos dois lados do debate. Para cada um deles, trazemos o que os dados permitem afirmar e o que segue em observação, a partir da premissa de que cada questionamento merece uma resposta pautada em dados que qualquer pessoa possa conferir.

"Nunca houve uma virada assim."

RESPONDIDO

Em eleição presidencial no Brasil, a afirmação é verdadeira, tendo em vista que, desde 1989, quem liderou o 1º turno sempre venceu. Porém, a diferença era de apenas 1,9 ponto, e as viradas em segundo turno estão longe de ser raras, como mostra a experiência da América Latina, com 12 viradas em 46 segundos turnos presidenciais entre 1978 e 2017, uma em cada quatro (Zovatto, 2017), bem como um estudo de 423 eleições em 73 países que concluiu pela ausência de uma característica do 1º turno capaz de prever ou descartar uma virada (Passarelli; Bergman, 2022).

Já no Brasil, as viradas se repetem com frequência nas disputas para governador, com cerca de 35 em 120 segundos turnos de 1990 a 2022, quatro delas em 2022 (Rio Grande do Sul, Pernambuco, Sergipe e Mato Grosso do Sul), bem como nas disputas para prefeito, com 63 viradas em 236 segundos turnos de 2004 a 2020 e 12 em 51 em 2024, de acordo com levantamentos da Folhapress, o que nos permite afirmar que a virada de 2026 é inédita apenas no plano presidencial e que a lógica que a produziu se repete em muitas disputas estaduais e municipais.

"Ganhar 10 milhões de votos em três semanas é impossível."

RESPONDIDO

Como já trazido na seção de série histórica, Lula ganhou 10,38 milhões de votos entre os turnos, um número menor do que os 15,7 milhões de Haddad em 2018, o que nos mostra que um ganho dessa ordem já aconteceu antes. Em 2026, havia 14,1 milhões de votos em disputa, e a origem de cada parte, construída a partir dos boletins de cada seção, está detalhada na seção sobre de onde vieram os votos.

"As pesquisas davam Flávio; se erraram tanto, tem algo errado."

RESPONDIDO

Quase nenhum instituto acertou o vencedor, porém os números dessas pesquisas mostravam Lula subindo e explicavam o porquê, como vimos no item 5, e o erro, de 2 a 4 pontos, está dentro da faixa dos erros de 2022 e do 1º turno de 2026, que foram no sentido contrário. Dessa forma, entendemos que a revisão dos modelos de eleitor provável é uma tarefa dos institutos, sem relação com a contagem dos votos.

Fonte: boletins de urna do TSE lidos pelo coletor da Dados (497.897 seções do 2º turno); totalização do TSE; históricos dos modelos de projeção abertos em 25/10/2026; Gazeta do Povo, CNN Brasil, Folha de S.Paulo, Politico, Lupa e Aos Fatos, 6 a 26/10/2026.

“A abstenção nunca cai assim; o comparecimento a mais é voto fantasma.” RESPONDIDO

De 2002 a 2018, a abstenção subiu do 1º para o 2º turno em todas as eleições presidenciais, de 17,7% para 20,5% em 2002, de 16,8% para 19,0% em 2006, de 18,1% para 21,5% em 2010, de 19,4% para 21,1% em 2014 e de 20,3% para 21,3% em 2018, de acordo com dados do TSE reunidos pelo Congresso em Foco (25/10/2026). A primeira queda veio em 2022, de 20,95% para 20,58%, e em 2026 ela passou de 21,08% para 19,22%, o que mostra que a percepção de uma abstenção que “nunca cai” estava certa até 2018 e que a mudança de padrão começou na eleição anterior.

A queda foi maior sobretudo nas cidades grandes e na Bahia, em Pernambuco e em São Paulo (redução em 18 estados e aumento em 9), e constatamos que nenhuma das 497.897 seções do 2º turno teve mais votantes do que eleitores inscritos. Além disso, a impressão digital do item 2 está livre de uma concentração de comparecimento alto com voto concentrado, e a queda da abstenção, bem como o seu efeito, foi descrita antes da eleição pela Quaest e pelo Datafolha, como já trazido na segunda seção.

“Os números de tal cidade não fecham.” RESPONDIDO PARA MACEIÓ

Circularam números de cidades que não batem com os oficiais, como um exemplo que chegou até nós, segundo o qual, em Maceió, Flávio teria ganhado 14 mil votos e Lula perto de meio milhão. O dado oficial é outro. Lula passou de 203.850 para 250.761 votos (+46.911) e Flávio, de 259.789 para 271.791 (+12.002), sendo que Flávio venceu Maceió nos dois turnos.

Na cidade, havia 58,9 mil votos em disputa (32,5 mil dos eliminados, 13,4 mil de brancos e nulos a menos e 13 mil eleitores a mais), e Lula ficou com 80% deles, uma proporção parecida com a de outras capitais e coerente com o cenário nacional. Para qualquer outro município, o teste é igual ao do item 1, a partir da soma dos boletins, que bate exatamente com o total oficial em todos os municípios do país.

“O TSE parou a apuração por duas horas e depois soltou os votos aos poucos.” RESPONDIDO

Às 16h57, o ministro Cristiano Zanin, do STF, prorrogou a votação até as 19h nas seções ainda abertas, a pedido da campanha de Lula, por causa de ônibus retidos em garagens. Como o TSE não divulga resultado enquanto há gente votando, o Tribunal bloqueou o recebimento dos boletins de urna, e a divulgação parou entre 17h13 e 19h01, com 0,2% das seções, em uma “contenção extraordinária” de boletins, nas palavras de Kassio Nunes Marques, o que gerou a maior fila de boletins já enfrentada pelo TSE, de acordo com a Gazeta do Povo (25/10/2026).

O coletor da Dados registrou o índice de seções do TSE congelado nesse intervalo e, depois das 19h, com a liberação da fila, os boletins passaram a entrar no ritmo normal de uma apuração, cerca de 2,5% das seções a cada dois ou três minutos, como mostra o gráfico do item 3, no qual as primeiras urnas já indicavam o resultado. No 1º turno, um boato parecido, de uma pausa na tela de resultados entre 19h14 e 20h04, foi checado pela Lupa (06/10/2026), e de acordo com o TSE o programa de divulgação travou com o volume de dados, sem afetar a apuração nem a totalização.

“Urnas foram trocadas.” RESPONDIDO

O relatório de ocorrências do TSE registrava 1.551 urnas substituídas até as 18h, 0,28% das 499.248 seções, e São Paulo (295), Rio de Janeiro (159) e Paraná (140) lideravam em números absolutos, de acordo com a Gazeta do Povo (25/10/2026). A troca de uma urna com defeito é um procedimento de contingência previsto, e a urna substituta também emite boletim, bem como esse relatório registrava zero seções com votação em cédula de papel, sendo pública a lista das seções com troca.

Fonte: boletins de urna do TSE lidos pelo coletor da Dados (497.897 seções do 2º turno); totalização do TSE; históricos dos modelos de projeção abertos em 25/10/2026; Gazeta do Povo, CNN Brasil, Folha de S.Paulo, Politico, Lupa e Aos Fatos, 6 a 26/10/2026.

7. Pontos em observação: o que dizem Flávio e a chapa

Na noite de 25 de outubro, em pronunciamento em Brasília, ao lado do vice Alfredo Gaspar, de Rogério Marinho, Nikolas Ferreira, Bia Kicis e Guilherme Derrite, Flávio afirmou que é "impossível reconhecer o resultado das eleições no contexto como essas coisas aconteceram" e anunciou que pedirá a anulação. As falas a seguir, de Flávio e de aliados, foram publicadas pela Gazeta do Povo e pela CNN Brasil (25/10/2026), e trazemos cada uma acompanhada da medição que conseguimos fazer a partir dos boletins de urna.

"Um ministro da Suprema Corte, pela primeira vez na história, ex-advogado do Lula, dá uma canetada e muda a regra do jogo no meio do jogo" (Flávio)

DEBATE LEGÍTIMO; EFEITO MEDIDO

De início, cabe registrar que Zanin foi advogado de Lula antes de ser indicado por ele ao STF e que decidiu, como ministro do STF, um pedido que normalmente caberia ao TSE, além de, de acordo com a Gazeta do Povo (25/10/2026), ministros do STF terem visto fragilidade na decisão, por ela ter sido tomada perto das 17h e sem uma consulta ao TSE.

Kassio Nunes Marques afirmou que "não seria possível em poucas horas construir um juízo de certeza" de que a decisão não traria efeito colateral à apuração e, encerrada a apuração, que "não houve nenhuma alteração advinda da decisão judicial", manifestando "absoluta confiança em todo o processo eleitoral" (CNN Brasil, 25/10/2026). Dessa forma, entendemos que a competência e a forma da decisão estão em um debate legítimo, ao passo que o efeito dela no resultado pode ser medido, e é o que fazemos nos dois pontos seguintes.

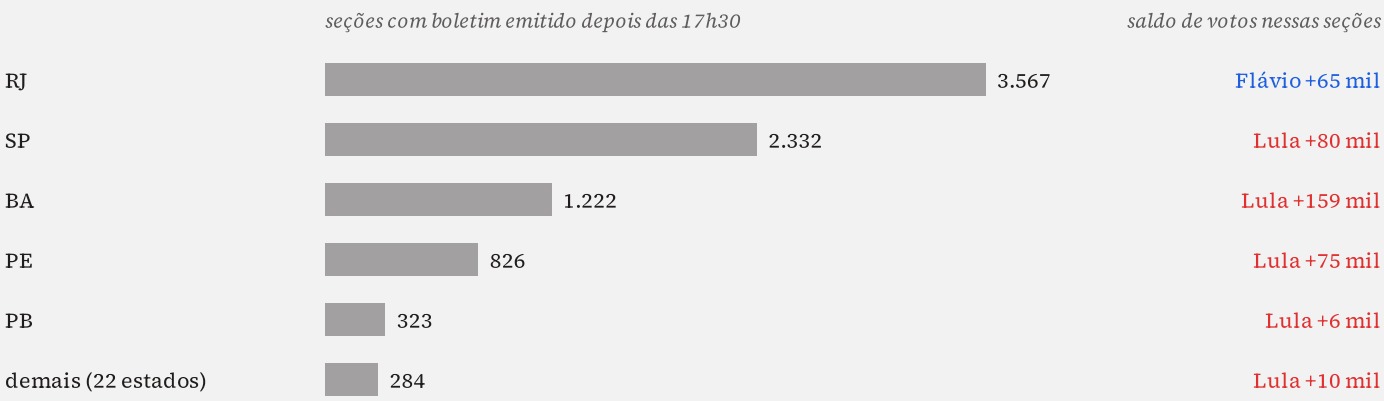
"Houve uma quebra total de isonomia entre os brasileiros de diversas cidades e de diferentes estados" (Flávio); "um resultado que pode ter sido fruto dessa balbúrdia" (Danilo Forte, deputado do PP do Ceará)

DESIGUALDADE MEDIDA; NÃO ALCANÇA A MARGEM

A decisão valeu para o país todo, porém alcançou apenas as seções que ainda estavam abertas, em um cenário desigual: de acordo com a Folha de S.Paulo (25/10/2026), o TRE do Distrito Federal não foi comunicado a tempo, 87,4% dos locais de votação do Paraná já estavam fechados e o TRE do Rio Grande do Sul não reabriu urnas, além de uma manifestação do Ministério Público Eleitoral contra a mudança de horário. Para medirmos esse efeito, utilizamos a hora de encerramento impressa em cada boletim e constatamos, a partir dela, que fecharam depois das 17h30, por fila ou pela prorrogação, 8.554 seções (1,7% do total), com 2,5 milhões de eleitores.

O estado com mais seções nessa situação foi o Rio de Janeiro (3.567), onde Flávio teve 65 mil votos a mais do que Lula nelas, seguido por São Paulo (2.332 seções; Lula 80 mil votos à frente), pela Bahia (1.222; Lula 159 mil à frente) e por Pernambuco (826; Lula 75 mil à frente). Somadas, essas seções deram a Lula uma vantagem de 264 mil votos, o que significa que, mesmo com a anulação de todas elas, ele ainda venceria por 4,2 milhões, e cabe mencionar que a campanha de Flávio também tinha pedido ao TSE uma prorrogação em cidades de São Paulo, do Paraná e de Santa Catarina, por causa da chuva.

O estado com mais seções fechadas depois das 17h30 foi o Rio de Janeiro, onde Flávio levou mais votos nelas



Seções cujo boletim de urna foi emitido depois das 17h30 (horário de Brasília), pela hora impressa no boletim; saldo de Lula sobre Flávio nessas seções.

Fonte: boletins de urna do TSE lidos pelo coletor da Dados (497.897 seções do 2º turno); totalização do TSE; históricos dos modelos de projeção abertos em 25/10/2026; Gazeta do Povo, CNN Brasil, Folha de S.Paulo, Politico, Lupa e Aos Fatos, 6 a 26/10/2026.

"Eu nunca vou saber se em algum estado onde as urnas não foram reabertas, quantos votos eu poderia ter" (Flávio) — RESPONDIDO PELA ORDEM DE GRANDEZA

Nenhuma urna foi reaberta em lugar nenhum, tendo em vista que, de acordo com o TSE, as que tinham sido encerradas não podiam ser reabertas por programação, o que transforma a questão em uma conta: quanto Flávio ganharia se mais seções dos estados dele tivessem ficado abertas? Para virar, ele precisaria de 4,43 milhões de votos líquidos a mais, e todas as seções encerradas depois das 17h30, somados os eleitores dos dois candidatos e os ausentes, tinham 2,5 milhões de eleitores. A ordem de grandeza, por si só, responde à pergunta.

"Os nossos fiscais do PL foram retirados de dentro da sala-cofre a partir do momento que essa eleição foi tomada" (Flávio) — EM OBSERVAÇÃO

Até a madrugada de 26 de outubro, não encontramos documento público ou resposta oficial acerca do episódio, que por isso segue em observação. Entretanto, a conferência da totalização independe da sala-cofre, considerando que os boletins de cada seção são públicos, que os partidos têm cópias em papel e que a soma deles bate com o total oficial, o que permite ao PL, a partir dos boletins recolhidos pelos seus fiscais nas seções, uma comparação um a um com os arquivos do TSE.

"Os números nos parecem um pouco estranhos" (Mauro Mendes, senador eleito pelo União Brasil de Mato Grosso) — RESPONDIDO

A frase foi dita antes do pronunciamento de Flávio, e entendemos que a resposta está nos itens 1 a 5 desta seção, a partir de cinco constatações: (i) os boletins são iguais à totalização; (ii) os testes forenses ficaram dentro do esperado; (iii) as primeiras urnas já indicavam o resultado; (iv) os modelos independentes convergiram; e, por fim, (v) o mapa repete o de 2022. O senador eleito disse ainda que "nós não mudamos a direção e isso vai trazer graves consequências", em uma crítica à estratégia da campanha que ele apoiou.

"Vamos pedir a anulação dessas eleições" (Flávio); "todos os meios possíveis para que Justiça seja feita" (Delegado Paulo Bilynskyj, deputado do PL de São Paulo) — EM OBSERVAÇÃO NA JUSTIÇA ELEITORAL

O Código Eleitoral considera nula a votação feita em hora diferente da designada (art. 220), porém manda fazer uma nova eleição presidencial apenas se a nulidade atingir mais da metade dos votos do país (art. 224), e as seções encerradas depois das 17h30 somam 1,7% do eleitorado. Ouvidos pela Gazeta do Povo (25/10/2026), especialistas em direito eleitoral seguiram a mesma linha: Marilda Silveira considerou a anulação "quase impossível", Carlos Enrique Bastos chamou a chance de "muito remota" e Fernando Neisser disse não ter dúvida de que "haverá um pedido, qualquer que fosse o derrotado", um pedido que, se for apresentado, caberá à Justiça Eleitoral julgar.

Abuso de poder político e econômico — EM OBSERVAÇÃO NA JUSTIÇA ELEITORAL

Em 23 de outubro, a campanha de Flávio entrou com uma ação contra a chapa de Lula por abuso de poder político e econômico e uso indevido dos meios de comunicação, na qual aponta 6.606 anúncios de propaganda negativa, e de acordo com a CNN Brasil (25/10/2026) os dois lados somavam 1.066 ações na Justiça Eleitoral, 469 de Flávio contra Lula e 597 de Lula contra Flávio. Entendemos que se trata de uma questão da Justiça Eleitoral, que segue em observação e que independe da contagem dos votos.

Fonte: boletins de urna do TSE lidos pelo coletor da Dados (497.897 seções do 2º turno); totalização do TSE; históricos dos modelos de projeção abertos em 25/10/2026; Gazeta do Povo, CNN Brasil, Folha de S.Paulo, Politico, Lupa e Aos Fatos, 6 a 26/10/2026.

"Mais uma interferência do Judiciário" (Carlos Jordy, deputado do PL do Rio); "regime autoritário que faz tudo pelo poder" (Ubiratan Sanderson, senador eleito pelo PL do Rio Grande do Sul); "Estão tumultuando a eleição" (Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo) OBSERVAÇÃO POLÍTICA

Trata-se de críticas políticas à atuação do Judiciário, sem alegação sobre a contagem e com grande alcance: a Lupa (25/10/2026) mediu um alcance potencial de 58,1 milhões para as publicações que juntavam "Zanin" e "impeachment" naquela noite. A conta da prorrogação, apresentada acima, mostra que o debate sobre o papel do STF, legítimo no plano político, não muda o vencedor.

Vídeo de Nikolas Ferreira sugerindo fraude CHECADO; SEM PROVA

O deputado do PL de Minas Gerais publicou, na noite da eleição, um vídeo com uma sugestão de fraude a partir da prorrogação, e a checagem da Lupa (25/10/2026) apontou a omissão dos problemas reais de transporte e do pedido de prorrogação feito pelo PL, bem como uma cronologia dos pedidos contrária à tese de um atraso proposital de Zanin. Por outro lado, Tarcísio de Freitas foi mais contido e pediu "explicações claras" acerca da decisão.

8. Pontos em observação: outros questionamentos

"Houve ônibus retidos para impedir eleitor de votar." EM OBSERVAÇÃO, COM INVESTIGAÇÃO

Trazemos também esse questionamento, que vem do outro lado do debate e que passou a circular ainda durante a votação. O Procon da Bahia encontrou 544 ônibus aptos parados em três garagens de Salvador, o prefeito admitiu que 75 ficaram retidos pela manhã e atribuiu o fato a sindicalistas, o Ministério da Justiça apontou problemas de transporte em sete estados e a Justiça Eleitoral mandou prender o secretário de Mobilidade de Salvador (Folha de S.Paulo, 25/10/2026), e André Janones chamou os obstáculos ao transporte de tentativa de golpe (Politico, 26/10/2026).

Entretanto, o efeito no comparecimento é difícil de isolar: em Salvador, a abstenção caiu pouco (de 27,3% para 26,8%), contra 4,3 pontos em Feira de Santana e 5,5 em Lauro de Freitas, e um estudo preliminar sobre as operações da Polícia Rodoviária Federal em 2022 encontrou um aumento de 1,4 ponto na abstenção perto das operações (Pires, 2026), o que deixa o caso em observação até a conclusão da investigação.

"O Exército do Lula era rede de robôs." EM OBSERVAÇÃO PELO TSE

O canal de WhatsApp coordenado por André Janones passou de 10 milhões de membros e, a pedido do presidente do TSE, a Meta enviou um relatório em 23 de outubro sem indício de "comportamento inautêntico coordenado", e, naquele dia, o ministro Floriano de Azevedo Marques barrou uma nova suspensão do canal (Folha de S.Paulo, 23/10/2026). Dessa forma, entendemos que, por enquanto, não há indício de automação, o que deixa a questão em aberto, sob acompanhamento do TSE.

"A máquina pública comprou a eleição." EM OBSERVAÇÃO NO PLANO JURÍDICO

É a crítica mais forte à campanha vencedora, e vem também de quem não contesta a contagem, como no editorial da Folha de S.Paulo e na soma de Igor Gielow de quase R$ 300 bilhões em anúncios, entre reajuste do Bolsa Família, perdão de dívidas de MEIs, proibição das bets, fim da escala 6x1 e subsídio aos combustíveis, já trazidos na seção dos analistas, bem como na literatura que confirma que transferências de renda favorecem o candidato do governo (Zucco, 2013). Se alguma dessas medidas configurou abuso de poder, a questão é para a Justiça Eleitoral, em ação específica, que não passa pela apuração.

Fonte: boletins de urna do TSE lidos pelo coletor da Dados (497.897 seções do 2º turno); totalização do TSE; históricos dos modelos de projeção abertos em 25/10/2026; Gazeta do Povo, CNN Brasil, Folha de S.Paulo, Politico, Lupa e Aos Fatos, 6 a 26/10/2026.

“Pararam a apuração do exterior.” RESPONDIDO

A pausa de divulgação valeu para todas as seções, inclusive as do exterior, que, de toda forma, não decidem eleição: foram 1.351 seções e 371 mil votos válidos, com Lula vencendo nos dois turnos (52,2% entre os dois no 1º e 53,9% no 2º) e um saldo final de 29 mil votos, o equivalente a 0,7% da margem nacional.

“Flávio venceu em mais estados.” RESPONDIDO

A afirmação é verdadeira, com 14 estados contra 13, porém não muda o resultado, tendo em vista que, no Brasil, a eleição presidencial é decidida pelo voto nacional e que cada voto vale o mesmo em qualquer estado. Dessa forma, a contagem de estados vencidos, por si só, nada diz acerca de quem venceu a eleição.

“Flávio venceu o Norte.” RESPONDIDO

A afirmação, feita por Alexandre Garcia na Gazeta do Povo (25/10/2026), está errada: no Norte, Lula teve 5.024.626 votos e Flávio 5.023.547, uma diferença de 1.079 votos a favor de Lula, uma margem mínima, mas que de forma alguma configura uma vitória de Flávio na região.

“O presidente do TSE mudou seções para manipular a eleição.” CHECADO

O boato circulou antes do 2º turno, e o Aos Fatos (20/10/2026) o classificou como enganoso, já que foram 441 seções remanejadas, menos de 0,1% do total, por decisão dos Tribunais Regionais Eleitorais, uma escala muito distante de uma mudança capaz de alterar o resultado de uma eleição nacional.

Vídeos de eleitores de Lula chegando de barco em Belém e de brasileiros barrados em Londres CHECADO; FALSO OU FORA DE CONTEXTO

A Lupa checou os dois vídeos na noite de 25 de outubro e constatou que as imagens do barco são da campanha municipal de 2020 e que o vídeo de Londres é do 1º turno, ou seja, os dois foram retirados do seu contexto original de forma a sugerir irregularidades que não aconteceram no 2º turno.

“O comportamento foi uniforme demais: Flávio cresceu pouco, Lula muito, e Flávio caiu no Sul, no Sudeste e no Centro-Oeste.” RESPONDIDO

A uniformidade é normal e já tinha se consolidado no 2º turno de 2022, para o lado de Bolsonaro, como mostramos na série histórica. Flávio cresceu no Sul, no Sudeste e no Centro-Oeste, com 867 mil votos a mais no Sul, 1,95 milhão no Sudeste e 470 mil no Centro-Oeste, e venceu nas três regiões, tendo perdido votos em números absolutos apenas em estados do Norte e no Maranhão, onde a abstenção subiu, de forma que o que caiu nessas três regiões foi a vantagem que ele tinha, a partir de um crescimento maior de Lula com os votos de quem não tinha escolhido ninguém no 1º turno.

Fonte: boletins de urna do TSE lidos pelo coletor da Dados (497.897 seções do 2º turno); totalização do TSE; históricos dos modelos de projeção abertos em 25/10/2026; Gazeta do Povo, CNN Brasil, Folha de S.Paulo, Politico, Lupa e Aos Fatos, 6 a 26/10/2026.

Método, fontes e limites

Utilizamos quatro conjuntos de dados: (i) a totalização do TSE de 2026, por país, região, estado e município, nos dois turnos, lida pelo painel de apuração da Dados, com a curva de contagem gravada durante a noite de 25 de outubro; (ii) os boletins de urna de 2026, arquivos públicos do TSE seção por seção, baixados à medida da sua publicação, com todas as 497.897 seções do 2º turno e todas as do 1º, ligadas entre os turnos pela chave município, zona e seção; (iii) os arquivos de votação por município e zona e de detalhe da votação de 2018 e 2022, do repositório de dados eleitorais do TSE, para o cargo de presidente; e, por fim, (iv) pesquisas, imprensa e modelos de projeção, lidos nas fontes originais entre 25 e 26 de outubro de 2026. Cabe mencionar que a busca na web chegou ao limite antes da manhã de 26 de outubro, o que deixou de fora as checagens publicadas depois disso.

Para as transferências, estimamos uma regressão ecológica de Goodman com restrições (frações entre 0 e 1 e cada linha somando 1), que resolvemos por mínimos quadrados com limites, tendo como origem oito grupos do 1º turno (Lula, Flávio, Cury, Renan, Caiado, demais candidatos, branco ou nulo e abstenção) e como destino quatro do 2º (Lula, Flávio, branco ou nulo e abstenção). A estimativa foi feita em cada município com 80 seções ou mais (1.114 municípios) e na mesorregião para os demais, ponderada pelo eleitorado da seção, abarcando 493.475 seções e 98,6% do eleitorado, e conferida a partir de uma regressão simples por município, sem restrições.

Medimos a integridade a partir da soma dos boletins por município contra a totalização, em comparecimento, votos de Lula e votos de Flávio, nos 5.571 municípios do país. Os testes forenses (impressão digital de comparecimento contra voto, último dígito contra uma simulação binomial das mesmas contagens e distribuição da mudança entre turnos) foram rodados sobre as 463 mil seções que estavam ligadas entre os turnos no momento da análise.

A projeção pela ordem de chegada foi feita, para cada corte (5%, 10%, 20%, 30% e 50% das seções, na ordem real de chegada), a partir de uma regressão por região que aprende com as seções já chegadas a relação entre o voto de 2º turno e o de 1º turno de cada seção e que prevê as que faltam. A hora de encerramento vem da hora de emissão impressa em cada boletim, que convertemos para o horário de Brasília pelo fuso de cada estado, e a comparação entre turnos mede a fatia de Lula entre os votos dados a Lula ou a Flávio, de forma a não confundirmos o crescimento natural dos finalistas com uma mudança de preferência.

O que este relatório não afirma

Não temos a menor pretensão de afirmar como votou cada eleitor, tendo em vista que a matriz de transferências é uma estimativa sobre totais, cujos tamanhos têm uma incerteza que não calculamos aqui, sendo a direção a parte mais sólida do resultado. Também não afirmamos por que a abstenção caiu, já que os dados mostram onde e quanto ela caiu, e as causas (mobilização digital, atos, transporte, medidas do governo) são hipóteses da imprensa e dos analistas que não testamos, assim como nada afirmamos sobre escolaridade, religião, gênero ou Bolsa Família por seção, o que exige o cruzamento com o perfil do eleitorado do TSE e com o Censo e que entendemos como o próximo passo natural deste esforço.

Por fim, este relatório também não afirma que cada voto foi registrado corretamente em cada urna, o que se prova comparando o boletim em papel da seção com o arquivo publicado, uma tarefa que qualquer fiscal pode fazer. Dessa forma, o que conseguimos provar é que a soma dos boletins publicados é a totalização, e que a contagem é coerente consigo mesma, com o 1º turno e com 2022.

Referências acadêmicas

- ALKMIM, A.; TERRON, S. O Brasil é realmente um país polarizado? Estudos Avançados, 2022. https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2022.36106.002
- AMARAL, O.; RIBEIRO, P. Por que Dilma de novo? Revista de Sociologia e Política, 2015. https://doi.org/10.1590/1678-987315235605
- ARAUJO, V. Pentecostalismo e antipetismo nas eleições presidenciais brasileiras. Latin American Research Review, 2022. https://doi.org/10.1017/lar.2022.29
- ARAUJO, V. Does the growth of religious minorities transform electoral politics? Political Science Research and Methods, 2025. https://doi.org/10.1017/psrm.2025.10025

Fonte: Dados Inteligência Estratégica; scripts e resultados guardados com o relatório.

- BEBER, B.; SCACCO, A. What the numbers say: a digit-based test for election fraud. Political Analysis, 2012.
- BRAGA, M.; ZOLNERKEVIC, A. Padrões de votação no tempo e no espaço. Opinião Pública, 2020. https://doi.org/10.1590/1807-019120202611
- CEPALUNI, G.; HIDALGO, F. D. Compulsory voting can increase political inequality. Political Analysis, 2016. https://doi.org/10.1093/pan/mpw004
- FLEISCHER, D. Comportamento do eleitorado brasileiro na eleição presidencial de 1989. Revista de Ciências Humanas, 1990.
- FUKS, M.; RIBEIRO, E.; BORBA, J. From antipetismo to generalized antipartisanship. Brazilian Political Science Review, 2021. https://doi.org/10.1590/1981-3821202100010003 LIDO NA ÍNTEGRA
- GOODMAN, L. Ecological regressions and behavior of individuals. American Sociological Review, 1953. https://doi.org/10.2307/2088121
- KING, G. A solution to the ecological inference problem. Princeton: Princeton University Press, 1997.
- KLIMEK, P.; YEGOROV, Y.; HANEL, R.; THURNER, S. Statistical detection of systematic election irregularities. PNAS, 2012.
- LICIO, E.; RENNÓ, L.; CASTRO, H. Bolsa Família e voto na eleição presidencial de 2006. Opinião Pública, 2009. https://doi.org/10.1590/s0104-62762009000100002 LIDO NA ÍNTEGRA
- LIMONGI, F.; GUARNIERI, F. A base e os partidos. Novos Estudos, 2014. https://doi.org/10.1590/s0101-33002014000200001 LIDO NA ÍNTEGRA
- NUNES, F.; TRAUMANN, T. Biografia do abismo. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2023.
- ORTELLADO, P.; RIBEIRO, M.; ZEINE, L. Existe polarização política no Brasil? Opinião Pública, 2022. https://doi.org/10.1590/1807-0191202228162
- PASSARELLI, G.; BERGMAN, M. Runoff comebacks in comparative perspective. Political Studies Review, 2022. https://doi.org/10.1177/14789299221132441
- PEREIRA, R. H. M. et al. Free public transit and voter turnout. Electoral Studies, 2023. https://doi.org/10.1016/j.electstud.2023.102690
- PIRES. Roadblocks to the ballot. Seminário na Australian National University, 2026 (trabalho preliminar).
- PLESCIA, C.; DE SIO, L. An evaluation of the performance and suitability of R×C methods. Quality & Quantity, 2018. https://doi.org/10.1007/s11135-017-0481-z LIDO NA ÍNTEGRA
- RENNÓ, L.; HOEPERS, A. Voto estratégico punitivo. Novos Estudos, 2010. https://doi.org/10.1590/s0101-33002010000100008 LIDO NA ÍNTEGRA
- RENNÓ, L.; SPANAKOS, A. Fundamentos da economia, mercado financeiro e intenção de voto. Dados, 2006. https://doi.org/10.1590/s0011-52582006000100002 LIDO NA ÍNTEGRA
- RIBEIRO, E.; CARREIRÃO, Y.; BORBA, J. Sentimentos partidários e antipetismo. Opinião Pública, 2016. https://doi.org/10.1590/1807-01912016223603 LIDO NA ÍNTEGRA
- SAMUELS, D.; ZUCCO, C. Partisans, antipartisans, and nonpartisans. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. https://doi.org/10.1017/9781108553742
- SINGER, A. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. Novos Estudos, 2009. https://doi.org/10.1590/s0101-33002009000300004 LIDO NA ÍNTEGRA
- TANSCHEIT, T.; BARBOSA, T. A battle of two presidents. Revista de Ciencia Política, 2023. https://doi.org/10.4067/s0718-090x2023005000111
- ZOVATTO, D. Winning runoff elections in Latin America. Brookings, 2017. https://www.brookings.edu/articles/winning-runoff-elections-in-latin-america
- ZUCCO, C. The president's "new" constituency. Journal of Latin American Studies, 2008. https://doi.org/10.1017/s0022216x07003628
- ZUCCO, C. When payouts pay off. American Journal of Political Science, 2013. https://doi.org/10.1111/ajps.12026

Imprensa, pesquisas e modelos

- Folha de S.Paulo, 25/10/2026: Igor Gielow, "Lula vira, bate Flávio" e "Lula supera erros, mas encara última dança difícil"; Italo Nogueira e Vitor Antonio, "Abstenção desaba, é a menor em 20 anos"; artigos de Flávia Biroli, Jorge Chaloub e Fernando Abrucio; Ana Luiza Albuquerque, "Derrota de Flávio aponta reorganização da direita"; coluna de Mônica Bergamo; editorial "Lula ganha nova chance de corrigir seu governo"; TV Folha.
- Folha de S.Paulo, Anna Júlia Lopes, cobertura do TSE sobre o canal Exército do Lula, 23 e 24/10/2026.
- Celso Rocha de Barros, "Flávio perde votos quando eleitor o imagina governando", Folha de S.Paulo, 17/10/2026.
- Vera Magalhães, O Globo, colunas de 16/10 e 23/10/2026.
- Poder360, 25/10/2026: "Queda inédita da abstenção foi essencial para virada de Lula", "Saiba como estão Lula e Flávio nas últimas 18 pesquisas" e análise de Sabrina Freire.

Fonte: Dados Inteligência Estratégica; scripts e resultados guardados com o relatório.

- Gazeta do Povo, 25/10/2026: “Institutos de pesquisa erram vencedor”, “Flávio Bolsonaro diz que não reconhece resultado e vai pedir anulação da eleição”, “Diferença de votos na vitória de Lula sobre Flávio dificulta anulação da eleição”, “Nunes Marques diz que prorrogação da votação poderia ter comprometido toda a eleição”, “Urnas substituídas chegam a 1.551 no 2º turno” e coluna de Alexandre Garcia.
- CNN Brasil, 25/10/2026: “Flávio não reconhece vitória de Lula e diz que pedirá anulação das eleições”, “O que aconteceu hoje é inaceitável, diz Flávio sobre Zanin” e “Kassio diz que prorrogação não comprometeu eleição”; Julliana Lopes, “Flávio e Lula levam mais de mil ações à Justiça Eleitoral”.
- Estado de Minas, entrevista de Andrei Roman (AtlasIntel), 25/10/2026; Jornal Razão, Felipe Nunes na GloboNews, 21/10/2026; TNH1/Estadão, “Análise: virada de Lula sobre Flávio é possível?”, 10/10/2026; Diario de Pernambuco, entrevista de Mauro Paulino, 23/10/2026.
- Lupa: checagem da pausa de divulgação no 1º turno (06/10/2026), cobertura da prorrogação, vídeo de Nikolas Ferreira, vídeos de Belém e de Londres (25/10/2026). Aos Fatos: mudança de seções (20/10/2026) e relatos de supressão do voto (25/10/2026).
- Congresso em Foco, série histórica da abstenção, 25/10/2026; Folhapress, viradas para governador e prefeito.
- Politico, Eva Hartog, 26/10/2026.
- BBC Brasil, Agência Pública, NPR, Exame, Bloomberg Línea, Agência Brasil, InfoMoney e Revista Oeste, 25/10/2026.
- Modelos de projeção: Estadão, Apuração Aberta, Janela do Plano Político, LC&A Balotaje, PollsterGraph, Urna Aberta, ElectoMaps, radio.am, PET Apura, Apura Logo e o agregador urnas.lucaslugao.com.

Fonte: Dados Inteligência Estratégica; scripts e resultados guardados com o relatório.